



DISTRITOS DE FEIRA :

IMAGENS DAS CULTURAS POPULARES



MOSTRA DA DIVERSIDADE CULTURAL IMAGENS DA CULTURA POPULAR

DISTRITOS DE FEIRA

IMAGENS DAS CULTURAS POPULARES

FAVELA É ISSO AÍ
Feira de Santana
Junho de 2020

Esta publicação foi realizada pelo Favela é Isso Aí com Patrocínio da Belgo Bekaert Arames, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, Realização: SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA, Ministério do Turismo e Governo Federal.

Copyright © 2020 Favela é Isso Aí

Realização – Favela é Isso Aí

Coordenação editorial – Clarice Libânio

Concepção e organização do volume – Clarice Libânio e César Maurício

Pesquisa e redação dos textos – Rhanna Rosa Alves Esperidião

Revisão – Clarice Libânio

Fotografias e Diagramação – Rhanna Rosa Alves Esperidião

Imagens

Capa (Registros realizados por Rhanna Rosa do Acervo da Associação Cultural Coleirinho da Bahia/Marcelo Rabelo)

Mapa dos Distritos (Feirenses/Wikipedia/Adaptado)

Colagem 1 – Dona Chica do Pandeiro, Capoeira no Quilombo da Lagoa Grande, Reisado de Tiquaruçu, Palmas na Festa de Santa Bárbara (arquivo pessoal de Rhanna Rosa); Crispina dos Santos e vaqueiro de barro (Juraci Dórea, vídeo Crispina dos Santos, a criadora de anjos - Memorial da Feira); Marilene Brito (arquivo pessoal da artista).

Colagem 2 - Quilombo da Lagoa Grande/ Matinha dos Pretos/Feira de Santana (Rhanna Rosa)



PATROCÍNIO

Belgo Bekaert Arames



REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA | MINISTÉRIO DO TURISMO



SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Metodologia.....	8
Introdução	10
Distrito de Maria Quitéria (São José)	14
Distrito da Matinha.....	27
Distrito de Bonfim De Feira	40
Distrito de Humildes	47
Distrito de Tiquaruçu (São Vicente)	52
Distrito de Ipuacu (Governador João Durval Carneiro).....	58
Distrito de Jaíba.....	65
Distrito de Jaguará	71

Apresentação

DISTRITOS DE FEIRA: Imagens das Culturas Populares é uma pesquisa que integra o Projeto Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular, que tem como objetivo promover o desenvolvimento local através do estímulo a expressões das culturas populares em diversas cidades brasileiras, entre elas Feira de Santana, na Bahia.

Nesta primeira etapa, sem a pretensão de esgotar ou limitar as inúmeras, particulares e diversas expressões presentes em nossa cultura, apresentaremos algumas manifestações da tradição oral, bem como mestras e mestres de diferentes comunidades ou povoados existentes nos distritos de Feira de Santana. A vida, principalmente na zona rural, o trabalho e as crenças religiosas diversas conformam a multiplicidade de expressões culturais que se revelam em cada lugar da cidade.

Feira de Santana é cidade-encruzilhada e abre as portas do Sertão na Bahia para mostrar suas expressões culturais muito relacionadas com seus territórios rurais e também quilombolas. Além do distrito-sede (Feira de Santana), outros oito distritos compõem a cidade. Com seus inúmeros povoados e expressões, os distritos da cidade de Feira de Santana são: Bonfim de Feira, Humildes, Ipuacu (Governador João Durval Carneiro), Jaguará, Jaíba, Matinha, Maria Quitéria e Tiquaruçu. Nesse sentido, iniciamos o percurso por estes distritos, com o intuito de traçar um panorama da diversidade de expressões culturais presentes nos territórios, para além do distrito-sede.

Feira de Santana guarda em seus distritos e nas reminiscências de sua feira livre a relação mais profunda com a terra e com a cultura num sentido mais amplo. Da plantação do feijão à sua colheita cantada, Feira reúne os e as artistas e fazedores/as das culturas que constituem as expressões da diversidade, da resistência e da celebração da produção diária das culturas, da vida.

A poética desta cidade encontra-se no trânsito estreito entre cidade e campo produzindo caminhos múltiplos de sentido à nossa existência enquanto lugar de confluência, de cruzamento, que atrai diversas gentes e modos de viver. Corpos se expressando, sotaques, baianismos outras,

religiosidades outras, sertões outros, cantos, narrativas e tantas nuances nos constituem enquanto povo complexo e dinâmico.

DISTRITOS DE FEIRA: Imagens das Culturas Populares destaca os distritos da cidade de Feira de Santana e assim o faz na tentativa de conexão e valorização dos diferentes territórios de nossa cidade como parte essencial e constituinte dos nossos modos de ser e fazer. Feira Livre, cantos, trânsito, estradas, distritos nomeados em tupi-guarani, aquilombamentos, vaqueiros, chuvas no sertão, raízes, pés de plantas e de mulheres-resistência em samba de roda...

Feira de Santana
Junho de 2020



Metodologia

*Vários recortes postos na encruzilhada
da Feira.
São abertas bocas e
portais do sertão.¹*

DISTRITOS DE FEIRA: Imagens das Culturas Populares é um exercício antropológico qualitativo de pesquisa, mapeamento, sistematização de informações disponíveis e produção de dados através de trabalho de campo acerca da existência plural das culturas populares nos distritos da cidade de Feira de Santana, Bahia.

Iniciadas formalmente as atividades no final do mês de novembro de 2019, a primeira etapa do trabalho deu-se através de pesquisa, a partir de dados secundários, e construção de um mapeamento prévio das manifestações culturais e festejos existentes nos distritos de Feira de Santana. A partir do estudo de documentos referenciais do município de Feira de Santana, como legislações municipais, Plano Municipal de Cultura, Diagnóstico Cultural de Feira de Santana – Bahia (2016)², e demais fontes disponíveis na internet (site da Prefeitura Municipal, do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia, da Secretaria de Cultura da Bahia), o mapeamento foi produzido a partir dos seguintes itens: 1. festa/encontro/festejo/manifestação; 2. localização (bairro/distrito); 3. tipo da manifestação; 4. contatos; 5. períodos; 6. links sobre a manifestação; 7. anotações.

O trabalho de campo aconteceu a partir do cronograma prévio de festejos e manifestações culturais mapeadas nos distritos, o que, por um lado, viabilizou conversas com mestras e mestres durante a realização dos eventos; por outro, restringiu o trabalho ao período pré-estabelecido, tornando-o sujeito a situações imprevistas.

¹ Caminhos de Feira (Rhanna Rosa).

² Diagnóstico Cultural elaborado pelo Galpão Cine Horto e pela Habitus Consultoria e Pesquisa Ltda. com o subsídio da empresa Belgo Bekaert Arames.

Compreendida entre os meses de novembro de 2019 e abril de 2020 a pesquisa teve os seus meses finais de execução atravessados historicamente pela pandemia do COVID-19, impondo a todos a necessidade do isolamento social. Ajustar os métodos para a particularidade do contexto social e pensar em horizontes possíveis na e para além da pandemia tornaram-se desafios. Se, no primeiro momento, o caminho a ser feito parecia curto, o percurso pelos oito distritos se apresentou mais longo no decorrer do processo e alguns deles precisaram ser abordados sem a perspectiva presencial.

Além da observação participante dos eventos festivos presenciados, a compilação de pesquisas acadêmicas³ sobre os distritos e de vídeos nas plataformas digitais (youtube, vimeo) das manifestações culturais nos distritos foram elementares para a construção destas imagens sobre as culturas produzidas nos distritos de Feira de Santana. Tudo o que está no mapa abre possibilidades para o que ainda não está identificado e é neste sentido que esta pesquisa se mostra aberta e em constante feitura...

³ Repositórios da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), da UFBA (Universidade Federal da Bahia), da UNEB (Universidade do Estado da Bahia), UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia).

Introdução

A compreensão das manifestações culturais populares na cidade de Feira de Santana na Bahia implica a rememoração prévia da construção social, cultural e econômica da região. Admitir a presença e a retirada violenta de tribos indígenas, o tráfico de pessoas negras escravizadas no período colonial e a construção das narrativas oficiais sobre a nossa formação histórica compõe a complexidade das nossas culturas.

Falar em memória, tradição e culturas populares, neste contexto, tem relação tanto com o questionamento de dinâmicas de poder que validam alguns sujeitos e discursos de maneira hegemônica, quanto com a problematização dos olhares engessados sobre as culturas populares. Neste sentido é que entender os sujeitos – subalternizados em aspectos étnico-racial, social, geográfico e de gênero – no tempo faz parte da composição das imagens que queremos produzir. Segundo publicação da Rede de Culturas Populares e Tradicionais:

Culturas Populares são um conjunto rico e heterogêneo de expressões simbólicas, relações econômicas e articulações políticas. Este complexo é constantemente criado e recriado pelos indivíduos, grupos e comunidades que as praticam em sua relação dinâmica com a natureza e com a sociedade. São ainda portadoras de referências estéticas e afetivas importantes para a construção de identidades locais, regionais, nacionais ou internacionais e, por isso, tendem a ser transmitidas de geração a geração, estruturando-se sobre raízes ancestrais numa temporalidade de média e longa duração histórica. Originadas ou predominantes em grupos rurais, isolados, de regiões em desenvolvimento ou das periferias urbanas – ou seja, representantes de uma classe social desprivilegiada -, tendem a ser invisíveis, incompreendidas e discriminadas pelas elites e, por isso, obtêm pouco reconhecimento das instâncias culturais hegemônicas como o Estado, as escolas e universidades, os espaços consagrados de fruição das artes e os meios de comunicação de massa, que as associa erroneamente ao atraso, à incompletude ou apenas à carência material. Tradicionais e, ao mesmo tempo, contemporâneas, híbridas e diversas, expressão multifacetada da nossa sociedade múltipla, as culturas populares, ao se expressarem, geram tensões e sínteses fundamentais para a compreensão do que é ser brasileiro. (Rede das Culturas Populares e Tradicionais, 2012 apud CSERMAK, 2013)

Se por um lado, o desejo pela valorização das culturas locais nos move politicamente no sentido de afirmação da nossa ou das nossas culturas feirenses, por outro, não devemos tentar enquadrar as manifestações culturais em fotografias romantizadas do passado. Os processos de

valorização do que é local estão para além dos processos comuns de mudança ao longo do tempo em todos os lugares.

Ainda permanecemos na dualidade das alteridades excludentes: rural/urbano, tradição/modernidade, negros/brancos, povo/elite. Dizer isto significa falar da coisificação de uma categoria social como cultura popular que associa mecanismos de exclusão. O que seria então esta relação mal resolvida de Feira de Santana com a sua feira livre no centro da cidade? A negação do rural em nome de um almejado “progresso” e o discurso de não haver cultura na cidade reduzem nossa possibilidade de valorização daquilo que existe. É então na tentativa de ampliação de horizontes e de narrativas que começamos nosso caminho pelos distritos e suas expressões culturais.

O NOME DOS DISTRITOS...

Uma das coisas interessantes no processo de conhecimento dos aspectos simbólicos dos distritos diz respeito à nomeação de cada um deles. Não encontramos estudos que abordam a motivação das mudanças dos nomes dos distritos especificamente em Feira de Santana. No entanto, há registro de que o marco de alteração dos nomes dos distritos tem relação com um ato, instituído no segundo Governo Getúlio Vargas (1938-1943), que decretou modificação dos nomes dos lugares no Brasil (toponímia).

O Artigo 10 do Decreto-lei n. 311, de 2 de março de 1938, que dispunha sobre a divisão territorial do país, determinava que “não haverá, no mesmo Estado, mais de uma cidade ou vila com a mesma denominação” (BRASIL, 1938). Já o Artigo 7 do Decreto-lei n. 5.901, de 21 de outubro de 1943, estabelecia as normas para a eliminação, em todo o Brasil, da repetição de topônimos de cidades e vilas, determinando, no parágrafo III, que “como novos topônimos, deverão ser evitadas designações de datas, vocábulos estrangeiros, nomes de pessoas vivas, expressões compostas de mais de duas palavras sendo, no entanto, recomendável a adoção de nomes indígenas ou outros com propriedade local” (BRASIL, 1943).

Nomear espaços públicos é identificar, é criar imagem, é atribuir simbologia. Este processo, portanto é histórico e envolve disputas que não devem ser esvaziadas de sentido. Assim, refletir

acerca dos nomes dos distritos e das simbologias que eles carregam talvez seja uma ponte interessante para pensarmos os aspectos simbólicos e democráticos de nossas oficialidades: produzimos discursos quando nomeamos de uma determinada forma e não de outra. Quais nomes falam sobre nós e sobre quem somos? Quais nomes devem ser lembrados? Quanto de memória cabe no nome de um lugar? Quais memórias queremos produzir e reproduzir?

PARA ALÉM DOS FESTEJOS JUNINOS...

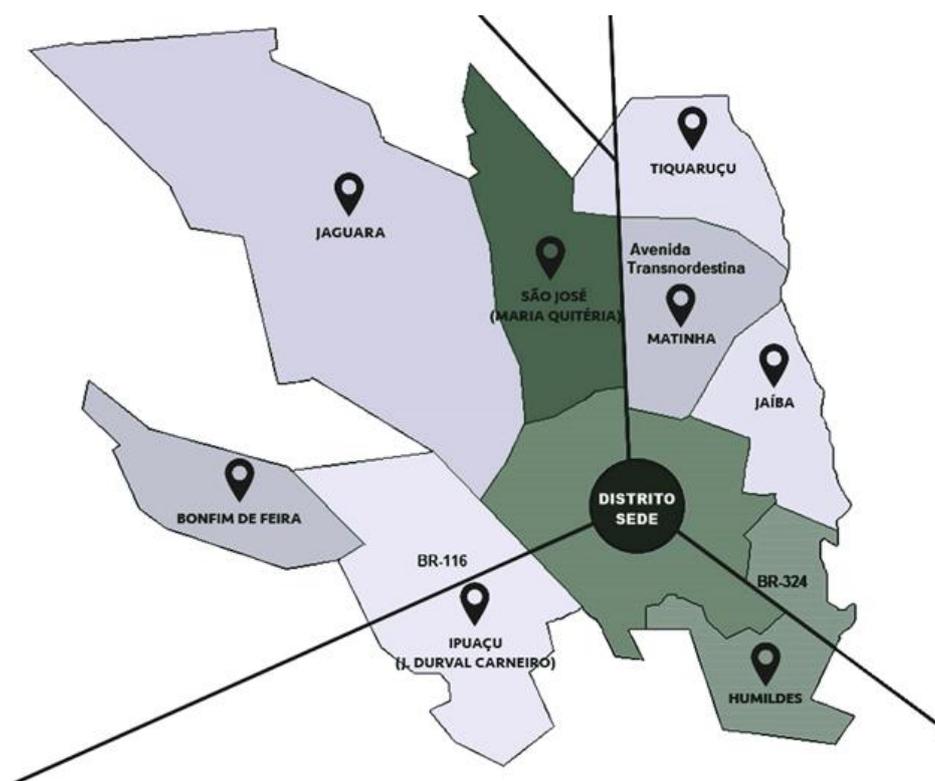
Os festejos juninos nos distritos de Feira de Santana costumam envolver um alto investimento da Prefeitura Municipal e ser uma das poucas manifestações a povoar o imaginário sobre os distritos. No entanto, a maior parte dos registros sobre os festejos abordam majoritariamente os grandes shows e apresentações, o que não permite especificar as diferentes expressões das festas de junho em cada distrito sem trabalho de campo.

Isso exposto, devido anormalidade do ano de 2020, drasticamente atravessado pela pandemia do COVID-19, optamos por não abordar os festejos juninos nos distritos de Feira de Santana, mesmo com sua inquestionável importância como parte fundante das expressões do povo sertanejo nos tempos, ditos, de chuva. Com o ocorrido, as dinâmicas sociais foram alteradas profundamente, resultando no cancelamento de grande parte dos festejos no ano corrente.

Nesse sentido, não seria possível a construção imagética destes festejos a partir do que os diferencia nos distritos, pois a maioria dos dados produzidos fala somente do seu aspecto de massas, o que revela uma dimensão das políticas culturais produzidas no distrito, mas não permite a construção de novas imagens sobre as culturas populares da cidade sem o trabalho de campo para registrar o trabalho de fortalecimento das quadrilhas através da Associação de Quadrilhas Juninas de Feira de Santana (AQUAJFS), as fogueiras, os tríduos, os forrós de porta em porta, a guerra de espadas, entre outras manifestações que estão fora dos palcos. Esta é uma provocação e um escrito convidativo a continuação...

SOBRE OS CAPÍTULOS: DIREÇÃO DOS DISTRITOS

Os capítulos seguintes referem-se a cada distrito que compõe a cidade de Feira de Santana. Serão abordados os aspectos simbólicos dos lugares, bem como as manifestações culturais e expressões presentes nos distritos, inclusive aquelas que são transversais a mais de um distrito. O fio narrativo condutor ou o recorte em tópicos em cada capítulo está orientado ou por temática, ou por festejo ou ainda pela trajetória de mestras e mestres, a depender do distrito. Todos eles possuem links de textos e de vídeos para serem acessados em outras plataformas de maneira subsidiária. Os pontos cardeais (norte, sul, leste, oeste) dizem para que lado estão os distritos e os capítulos abertos apontam para diferentes direções...



DISTRITO DE MARIA QUITÉRIA (SÃO JOSÉ)

NORTE

SOBRE

O distrito de São José nos remete à controvérsia sobre o mito fundante da cidade de Feira de Santana bem como a toda uma revisão dos estudos historiográficos sobre as presenças negras e indígenas na constituição desta cidade, silenciadas ou subvalorizadas nas produções dos discursos oficiais e na construção da memória coletiva sobre Feira de Santana.

O mito central, entendendo mito como discurso, do surgimento de Feira de Santana é centrado na figura de um casal português católico, Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão, que teria sido responsável pelas origens do povoamento da região no começo do século XVIII. As versões mais críticas da história remetem tanto à presença indígena dos paiaias⁴ - muito pouco falada também na região de São José das Itapororocas⁵ - quanto à presença, cem anos antes do casal Araújo/Brandão, da figura de um cristão-novo, o sesmeiro sertanista João Peixoto Viegas⁶, que teria sido apagado historicamente pela sua origem judaica, vista de maneira preconceituosa no século XVII pelos valores da religião Católica no Antigo Regime. Em 1696 teria surgido a Freguesia de São José das Itapororocas, com sede na capela construída por Viegas em homenagem a São José⁷ bem antes do casal português⁸.

⁴ Os paiaias pertencem ao grupo dos Quiriris, da nação dos Tapuias. Em 1675 João Peixoto Viegas removeu a aldeia de paiaias para um local mais distante do original, conseguindo que os índios paiaias atuassem na defesa das fronteiras com outras aldeias indígenas. (ANDRADE, 1990)

⁵ "Itapororoca" é um termo proveniente da língua tupi e significa "Ita= Pedra", Pororoca= Encontro das águas, através da junção dos termos itá ("pedra") e pororoca ("encontro das águas com as pedras").

⁶ Sertanismo foi uma atividade que se iniciou durante o século XVII no Brasil, em que homens adentravam o sertão brasileiro com objetivo de "capturar" indígenas, explorar metais preciosos e para conhecer riquezas naturais e espécies, tanto vegetais quanto animais. Foi um desses indivíduos que se destacou em diversos setores da sociedade baiana no século XVII. (ANDRADE, 1990)

⁷ A análise de Celeste (1990) é a de que o silenciamento da figura de Viegas em detrimento do casal Araujo/Brandão tem origem neste dado religioso: o fato do antecessor ter sido um cristão-novo, ou seja, um judeu convertido ao

A Igreja dedicada a São José teria sido construída por indígenas e reconstruída pelo proprietário⁹. São José é considerado padroeiro das chuvas e das plantações. As comemorações do seu dia acontecem em 19 de março¹⁰. Há uma crença no sertão de que quando chove no dia do santo é um prenúncio de que haverá boas colheitas no ano¹¹.

Ainda sobre as origens de Feira de Santana, Celeste Andrade (1990) traz três tendências de formulação sobre as origens de Feira de Santana. A primeira delas, tradicional dominante, baseia-se nos textos oficiais e foca na figura do casal Araújo/Brandão, donos da Fazenda Olhos D'água, para explicar o povoamento da cidade. A segunda tendência, intermediária, inclui o registro do casal Araújo/Brandão, mas também incluem outros personagens, como os Peixoto Viegas, mas não problematiza a priorização de figuras responsáveis pelo povoamento. Já a terceira, polêmica, revisa de maneira crítica a prioridade colocada sobre determinados personagens e apontam para João Peixoto Viegas e sua família¹².

Apresentar um início dos conflitos acerca das narrativas sobre o povoamento de Feira de Santana nos provoca no sentido de pensar a nossa construção complexa marcada pela invasão portuguesa acirrando os conflitos e violências nos territórios com as presenças indígenas e a pessoas negras que eram trazidas para serem escravizadas nas lavouras de açúcar. Sobre estas bases é que Feira de Santana se constitui e mais precisamente São José, que se forma neste limite entre o sertão e o recôncavo.

cristianismo, o que era motivo de bastante preconceito e silenciamento pela Igreja e pelos valores comuns das sociedades europeias do Antigo Regime no século XVII.

⁸ Mais informações disponíveis em FREIRE, 2007.

⁹ Atualmente, a igreja Matriz de São José das Itapororocas é patrimônio histórico cultural tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC).

¹⁰ O Distrito de Maria Quitéria tem como tradição cultural as festas em comemoração ao Padroeiro São José, acontece no mês de Março que inicia com novenário ao Padroeiro do distrito, com bandas da terra, leilões e no último dia sair em procissão pelas ruas de Maria Quitéria em encerramento dos festejo ao Padroeiro.

¹¹ Profetas da Chuva. Disponível em: <https://www.acaatinga.org.br/wp-content/uploads/ProfetasdachuvaLivreto.pdf>. Acesso em 10 de março de 2020.

¹² Esta família recebeu duas sesmarias que englobavam a totalidade de São José das Itapororocas, entre os rios Jacuípe e Paraguaçu.

Por consequência, a resistência quilombola atravessa o território e reafirma constantemente a necessidade de disputa de narrativa de territórios simbólicos e concretos. O primeiro território quilombola reconhecido¹³ pela Fundação Palmares em Feira de Santana foi Quilombo da Lagoa Grande, situado no distrito, que até 1938, o distrito era denominado São José de Itapororocas. O distrito passou a se chamar Maria Quitéria, mulher feirense referência nas lutas pela independência da Bahia, Maria Quitéria, nascida nas localidades de São José das Itapororocas¹⁴.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Tem Quilombos em Feira de Santana: A Lagoa Grande resiste.

O Quilombo da Lagoa Grande é uma comunidade que faz parte do distrito de Maria Quitéria e que foi certificada no ano de 2007 como tal pela Fundação Palmares, sendo, portanto, a primeira reconhecida na cidade de Feira de Santana.

Desde 2013 a comunidade realiza anualmente encontros no Novembro Negro, em referência ao mês da consciência negra, que demarcam a importância da resistência negra no Brasil e em Feira de Santana. Produzir outras narrativas que afirmem as culturas e os territórios de resistência faz parte deste momento simbólico para a comunidade. Sob as marcas violentas de um país colonial e escravista, resistir enquanto comunidade ainda faz parte da construção afirmativa da existência coletiva de muitos sujeitos negados.

A Associação Comunitária de Maria Quitéria (ACOMAQ) é quem articula as atividades junto à comunidade, às escolas quilombolas, à Universidade Estadual de Feira de Santana¹⁵ e ao poder público. Os dias são marcados por mobilização em torno de pautas políticas para a comunidade,

¹³ Comunidades Quilombolas da Lagoa Grande certificadas pela Fundação Palmares no ano de 2007. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/TABELA-DE-CRQ-COMPLETA-CERTIFICADAS.pdf>. Acesso em 03 de março de 2019.

¹⁴ <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/feiradesantana.pdf>

¹⁵ Projeto de Extensão da Incubadora de Economia Solidária e Popular. Disponível em . Acesso em 02 de março de 2020.

festejos e comemorações com as manifestações culturais locais, com oficinas de saberes e discussões sobre questões políticas do território¹⁶.

As escolas quilombolas produzem pequenas mostras, feitas pelos estudantes, das culturas populares locais para as próprias pessoas da comunidade e visitantes, com apresentações de capoeira, reisado, festejos juninos e samba de roda. A própria comunidade realiza oficinas sobre ervas medicinais e conhecimentos tradicionais, apresenta cantigas de roça (cantigas de verso), samba de roda e poesia¹⁷. Além de finalizar as atividades com a feijoada como alimento simbólico das culturas negras na Bahia e elemento festivo de irmandade e encontro no quilombo.

Neste sentido é que tanto a escola quilombola, quanto a associação, como as pessoas da comunidade produzem esta memória social de coletividade e coesão neste momento de tamanha importância para o Quilombo da Lagoa Grande.

José Caciano é uma importante liderança comunitária no quilombo e sempre afirma a memória da própria Lagoa que existia e da relação da comunidade com a Lagoa, que, segundo ele, foi morrendo com o represamento das águas em propriedades privadas e o desmatamento no entorno¹⁸.

O administrador veio avisando a todo mundo que a Lagoa ia fazer praia agora. E que ia limpar, roçar. Porque a Lagoa era cercada de mato. De jurema, de cajueiro... Quando veio avisar a vovô, a meu pai, que essas áreas todas iam ser liberadas pra prefeitura, não foi bom pra gente. Porque a gente achou que aquilo ia acabar toda a liberdade que a gente tinha pra pescar, de lavar, de tudo, como acabou. Pra uns serviu, pra outros, não...¹⁹

Caminhar pelo quilombo é transitar pelas diversas vozes conhecidas por Caciano. Ele narra todo o caminho. *Todo mundo é meio parente*. Cada pessoa, cada casa, cada igreja, cada lote, cada cerca, cada conflito da estrada do quilombo a São José (sede) ele sabe de cor.

¹⁶ Em 2019, as discussões estiveram centradas na mobilização contra a construção de uma linha de transmissão de energia que afetava diferentes regiões quilombolas da Bahia, inclusive a de Lagoa Grande, muitas nem constavam no mapa da empresa responsável e nem haviam sido comunicadas sobre os danos possíveis gerados pela instalação desta linha de transmissão tão próxima das localidades.

¹⁷ Vide Julia Suzarte (Julia Poeta), jovem escritora do distrito de Maria Quitéria.

¹⁸ Disponível em "Guardiões da Lagoa".

¹⁹ Entrevista de José Caciano. Disponível no Documentário "Guardiões da Lagoa".

A própria comunidade tentou reflorestar a Lagoa Grande depois da retirada de suas plantas nativas, é o que lembra uma das moradoras do quilombo, Silvéria Santos:

A jurema e outras árvores nativas foram tiradas. Depois disso, a gente foi, eu mais a Leda tentamos reflorestar, buscando plantas de outra área (...). A gente planto de lá daquelas pedreiras, lá do canto, até cá na frente...²⁰

José Carlos (Nico de Bizu), presidente da ACOMAQ, conta como as memórias das águas da Lagoa Grande constituem a própria continuidade do sentimento de pertencimento da comunidade:

Nossa lagoa era tão grande. Por isso que a gente se chama Comunidade de Lagoa Grande. Era uma lagoa de 3 km de extensão. Era praia. Era a antiga praia do município de Feira. Virou praia. E várias famílias já sobreviveram desta própria Lagoa. Muitas pessoas da nossa própria família (Entrevista com José Carlos de Almeida, Novembro Negro, 2019).

A Sereia das águas e as cantigas de verso...

Segundo Simone Aranha (2006), a cantiga “a Sereia” é muito conhecida e cantada a partir de diferentes variações do Vale do Jequitinhonha ao interior da Bahia, por exemplo. No quilombo da Lagoa Grande²¹, no distrito de São José, ela costuma ser cantada e os versos improvisados:

*Eu morava na areia, sereia
Me mudei para o sertão, sereia
Aprendi a namorar, sereia
Com aperto de mão, ô sereia
(refrão)*

*Viva lá Nossa Senhora, sereia
Que é madrinha de João, sereia
Eu também sou afilhado, sereia
Da Virgem da Conceição, ô sereia
(verso)*

...
(Cantigas de Verso, Quilombo da Lagoa Grande, 2019)

²⁰ Entrevista Silvéria Santos. Disponível no Documentário “Guardiões da Lagoa”.

²¹ Cantiga de Verso improvisada em apresentação no VII Novembro Negro do Quilombo da Lagoa Grande, distrito de São José (Maria Quitéria).

As *cantigas de roda* ou *cantigas de verso* costumam ter uma estrutura principal de refrão, em que todos cantam juntos, depois um verso improvisado, que é uma estrofe em quatro versos, cantado, normalmente, na mesma melodia do refrão, e novamente retorna-se ao refrão e esta sequência se repete. São poesias rimadas ou improvisadas na hora que duram mais de vinte minutos seguidos e que a voz principal é alternada por diferentes gerações que participam do improviso. Dos mais velhos aos mais novos, o canto circula...

Uma marca comum nas *rodas de versos* é a estrutura em "duas vozes", ou seja, duas linhas melódicas cantadas ao mesmo tempo, uma mais grave e outra mais aguda. Esta tradição é bastante viva, principalmente entre a população rural nos interiores do país.

Popularmente são usadas as expressões "jogar" ou "tirar" versos, que correspondem às quadras, ou seja, versos de sete sílabas e rima encadeada do segundo e quarto (ABCB), forma poética mais comum na poesia popular brasileira (SILVA, 2016). Em geral, são rodas satíricas, quando tratam de temas engraçados, desaforos e zombarias, o que pode gerar uma espécie de desafio, quando um diz um verso e o outro responde, defendendo-se. Ou rodas líricas, quando falam de amor.

Os cantos de trabalho, a bata do Feijão...

A bata do feijão enquanto manifestação cultural integra cantos que remetem a uma dinâmica árdua de trabalho. E no Brasil, especificamente, remontam ao período colonial e podem ser encontradas em muitas comunidades rurais ainda hoje. Os cantos em coro são repetidos até o fim de todo o trabalho. Durante as batatas normalmente é reunida toda a família e a vizinhança, que cantam e dançam ritmados pelas batidas com madeira nas vagens de feijão e milho para separar os grãos.

No distrito de Maria Quitéria, a comunidade que mais possui visibilidade na feitura da bata do feijão é a do Ovo da Ema, que costuma incluir esta manifestação cultural na Festa da Cultura²², momento festivo dos moradores da comunidade²³ que comumente acontece na segunda semana de setembro²⁴.

As batas do Feijão são manifestações que ocorrem em diferentes comunidades rurais de Feira Santana e do nordeste. É importante lembrar que as manifestações culturais estão condicionadas por fatores sociais, econômicos e de avanços tecnológicos, que, portanto, interage diretamente com as dinâmicas da coletividade. Neste sentido, a escassez da manifestação muitas vezes diz sobre a própria mudança nas dinâmicas de trabalho e a mecanização dos trabalhos no campo. Festas como a da referida comunidade, que já estão deslocadas da necessária funcionalidade no trabalho, funcionam, por sua vez, como ativadoras da memória coletiva de pertencimento e reconhecimento.

Mais detalhes sobre a bata do feijão e cantos de trabalho no capítulo sobre o Distrito da Matinha, este que pertencia ao distrito de Maria Quitéria.

O samba de roda da Quixabeira da Lagoa da Camisa...

Quixabeira é o nome da região cultural que se estende da zona rural de Feira de Santana até a região sisaleira (SANTANA, 2017). É também o nome de uma frondosa árvore que faz sombra e tem diferentes simbologias no sertão. Nos tempos de grandes estiagens, os criadores de gado se utilizavam das folhas e dos frutos da quixabeira para salvar a vida dos animais. Além de possuir propriedades medicinais²⁵, pelas bandas de cá, a quixabeira sinaliza o que há de vir: quando há

²² Há registros disponíveis na internet da realização entre os anos de 2011 e 2015.

²³ <https://leismunicipais.com.br/a/ba/f/feira-de-santana/lei-ordinaria/2012/334/3336/lei-ordinaria-n-3336-2012-dispoe-sobre-o-calendario-oficial-de-festas-populares-ou-de-eventos-do-municipio-de-feira-de-santana-e-da-outras-providencias>.

²⁴ Histórico da Festa de Cultura na Comunidade do Ovo da Ema. <http://feiradeculturafs.blogspot.com/2009/10/feira-de-cultura-da-comunidade-de-ovo.html>

²⁵ A planta possui propriedades anti-inflamatórias. (PEDROSA, 2012)

muitos frutos na árvore, a safra do feijão será farta (OLIVEIRA, 2006). Metáfora ou a própria presentificação da renovação da vida, a quixabeira lança as vozes e profecias de cantos de resistência negra no Sertão.

O Grupo da Quixabeira da Comunidade da Lagoa da Camisa, que pertence ao distrito de Maria Quitéria, é formado por dez trabalhadores rurais²⁶ que utilizam o samba de roda, os batuques da roça, a chula, o boi de roça, o reisado e as cantigas de roda, como forma de transmissão e preservação de sua cultura. As melodias são criadas no encontro coletivo nos trabalhos do campo e na religiosidade²⁷. *Eu conheci os sambas nas rezas na casa dos meus avós e os bois (de roça) trabalhando na roça*, explica Francisco Pereira da Silva²⁸.

Se partirmos de uma ideia de funcionalidade das manifestações, podemos dizer que a transmissão oral dos cantos, ainda que, atualmente, afastada da dinâmica de trabalho na roça são reminiscências de um passado. Se por um lado, a automatização das casas de farinha, dos trabalhos agrícolas podem desterritorializar os cantos de trabalho, a manifestação destes mesmos cantos e danças, que já não são os mesmos, em suas diferentes nuances estão em constante mudança. Cantar pode ser então o reconhecimento de si enquanto corpo no mundo ou, mais do que isso, a própria produção imprevisível de outros mundos no momento festivo. É continuidade...

Segundo Santana (2017), os batuques das batas de milho e de feijão, por serem ritmos dançantes e muito semelhantes ao samba de roda e a chula, foram mais bem assimilados com a adição de instrumentos eletrônicos atualmente.

²⁶ A Quixabeira de Lagoa da Camisa é formada por Véio (vocal e pandeiro), Martinho (vocal e pandeiro), Seu Roque (vocal e pandeiro), Galego (vocal e timbau), Zé Bigode (cavaquinho e guitarra baiana), Bilau (tambor), Dona Teté (vocal e coro), Ita (vocal e coro), Joana (coro) e Leão (viola e violão).

²⁷ Descrição do grupo presente no álbum gravado do ano de 2007, produzido por Sandro Santana.

²⁸ SANTANA, 2017.

De São José para Maria Quitéria...

Se no século XVII, o crescimento da região de São José das Itapororocas foi expressivo, nos séculos XVIII e XIX, após a compra das terras da Fazenda Olhos D'água e o grande desenvolvimento da feira em torno da capela de Santana, é criada a Vila Feira de Santana e a sede municipal é instalada em 1833. Promove-se, então, a transferência da sede paroquial, pela Lei Provincial nº 234, de 19 de março de 1846, sendo suprimida a paróquia de São José, restabelecida pela Lei Provincial de 23 de abril de 1864²⁹. No ano de 1857 é criado, assim, o distrito de São José, que passa a pertencer ao município de Feira de Santana pela resolução provincial 657. Pelo decreto estadual nº 11.089/1938, o município de Feira volta a denominar-se Feira de Santana e o distrito de São José de Itapororoca passa a denominar-se Maria Quitéria.

De Maria Quitéria para a independência do Brasil...

No processo de luta pela Independência do Brasil na Bahia, as mulheres cumprem um papel importantíssimo, além de transgressão aos valores sociais quando participam ativamente da resistência brasileira. Foi o caso de Maria Quitéria, nascida em São José das Itapororocas, a primeira mulher-soldado que participou das lutas contra os portugueses no Batalhão dos Periquitos, assim chamado devido ao uniforme verde utilizado por seus membros. Além dela, Maria Felipa, negra, marisqueira e moradora da Ilha Itaparica; e também as Caretas do Mingau, mulheres de Saubara, município do recôncavo baiano, que se mascaravam durante a guerra para amedrontar os soldados portugueses em sua região³⁰.

Maria Quitéria de Jesus, nascida em 1792, no Sítio do Licorizeiro, que ficava próximo do arraial de São José das Itapororocas, ficou conhecida como "Soldado Medeiros". Filha de Quitéria

²⁹ Disponível em <https://itapororocas.wordpress.com/>. Acesso em 10 de março de 2020.

³⁰ .Mulheres talentosas, mulheres cultas, mulheres heróicas, teve-as sempre a Bahia, em seu fidalgo e feliz destino. (ABREU, 1950 p.236)

Maria de Jesus e do fazendeiro escravista Gonçalo Alves de Almeida, que ficou viúvo e, ao voltar a se casar, mudou-se para a propriedade na Serra da Agulha, hoje Tanquinho.

Numa época em que não era possível imaginar a participação feminina nas forças militares e de guerra, Maria Quitéria, aos 30 anos, apoiada por sua irmã e cunhado, desafiou as estruturas patriarcais e alistou-se disfarçada de homem, com os cabelos curtos e os seios cobertos. Ela foi a primeira mulher a fazer parte de uma unidade militar no Brasil³¹. Conhecida por lutar vestida de homem para ajudar o exército a expulsar as tropas portuguesas da Bahia, Maria Quitéria é um dos destaques na história de lutas da Independência do Brasil na Bahia.

Em São José das Itaporocas, atual Distrito Maria Quitéria, todo ano comemora-se o 2 de julho, com destaque para o papel da heroína.

Vou aprender a ler para escrever cordel para os meus camaradas...

[...]
*Aqui nasceu uma jovem
Desta terra uma filha
Que foi Maria Quitéria
O seu destino um dia
Foi combater numa guerra
Pra defender a Bahia.*

*Ela foi nossa heroína
Que defendeu sua terra
Com a espada em punho
E a coragem de fera
Nos orgulhamos em dizer:
Salve Maria Quitéria!!!
(Domingos Santeiro)³².*

Nascido no alto sertão de Sergipe, radicado na Bahia desde 1993, Domingos Santeiro é um cordelista que lutou contra a fome, a seca e contra o analfabetismo para poder conquistar seu espaço dentro da literatura de cordel. Hoje possui um Museu *Antiquário São José* na sede do

³¹ Por Decreto da Presidência da República, de 28 de junho de 1996, Maria Quitéria foi reconhecida como Patronesse do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro. Apenas em 1943, 120 anos depois da atuação de Maria Quitéria, o Exército Brasileiro admitiu mulheres nas suas fileiras.

³² "Sou santeiro, poeta e cordelista/ Faço versos cantados na viola/ O cordel sempre foi a minha escola/ E a convivência no meio dos artistas". Entrevista concedida por Domingos Santeiro à TV Olhos D'água/UEFS.

distrito de Maria Quitéria, onde ensina para outras gerações esse gênero literário³³. A literatura de cordel é uma manifestação cultural popular que está intimamente conectada ao ambiente da oralidade, da cantoria e também da forma como é escrita. A referência inicial do que se escrevia era a partir da cantoria dos versos. Esta arte, portanto, liga-se diretamente aos versos entoados por cantadores e violeiros, muitas vezes em forma de peleja, ou disputa oral, em que as partes propõem desafios entre si³⁴.

Circulando pelas feiras, os cordelistas e folheteiros comercializavam as publicações impressas e faziam a declamação para divulgar os escritos. Na década de 1970, várias pessoas se reuniam na feira popular no centro de Feira de Santana. Era o ponto de encontro de moradores, viajantes e forasteiros e foi lá que os primeiros cordelistas começaram a aparecer com livretos³⁵.

O artista Domingos Santeiro, *Analfabeto de pai, mãe e parteira*³⁶, foi alfabetizado em 2010, momento em que começa a escrever literatura de cordel. Quando chegou a Feira de Santana, parou em São José, não conseguiu emprego, passou a viver de escultura, fazendo e restaurando santos. Atualmente realiza atividades em seu Antiquário, é palestrante, faz santos e literatura de cordel³⁷:

*São José, seu povo
Sua manifestação.
O vaqueiro, a rezadeira
O agricultor e o peão.
O Reisado, a Quixabeira*

³³ Idem.

³⁴ "O que caracteriza a literatura de cordel de fato é a sua forma. Ela é definida por três regras rígidas: métrica, rima e oração. A métrica trata-se da quantidade de versos existentes por estrofe, de sílabas poéticas por versos e quantas delas deverão ser tônicas, sendo a métrica mais comum a sextilha – de seis versos de sete sílabas. Já a regra da rima se refere ao modo como as rimas serão construídas. Esses dois itens conferem o ritmo ao cordel. A oração, por sua vez, 'é a unidade da história, a sua coerência'". Disponível em: <https://paineira.usp.br/aun/index.php/2018/12/03/literatura-de-cordel-constitui-importante-patrimonio-cultural-brasileiro/>. Acesso em 07 de março de 2020.

³⁵ OLIVEIRA, 2014.

³⁶ Jargão usual do artista.

³⁷ Apesar de Domingos não ter nascido na cidade de Feira de Santana, a sua presença bem como a de outros artistas que se fixam na cidade revelam a natureza cosmopolita deste lugar de passagens, de feira, de trânsito de pessoas de diferentes lugares. A apresentação de Domingos não encerra a vasta produção de literatura de cordel presente na sede de Feira de Santana, o que inclui diferentes artistas que fortalecem o segmento na cidade, como Franklin Maxado, Jurivaldo Alves da Silva, Antônio Alves, João Ramos, O Caboquinho, Zadir Marques Porto, J. Caxias, Ademar José, entre outros.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Simone da Silva. Nas Rodas de Verso... Memória de Cantigas da tradição oral brasileira. Sarao: Unicamp. vol. 4, n. 4, fevereiro 2006. Disponível em: https://www.unicamp.br/cmu/sarao/revista40/pdf/sarao_ol_texto1.pdf. Acesso em 02 de março de 2020.

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. As origens do Povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1990_andrade_celeste_maria_pacheco_de_origens_do_povoamento_de_feira_de_santana_um_estudo_de_historia_colonial.pdf. Acesso em 01 de março de 2020.

COSTA, Tamires Conceição. Relatório Técnico de produção de paradidático: Independência do Brasil na Bahia: memória e patrimônio no Recôncavo – UFRB: Cachoeira, 2017. Disponível em: https://www1.ufrb.edu.br/mphistoria/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Turma_2016/tamires_mestradi_ronto_julhos_2018.pdf. Acesso em 05 de março de 2020.

FREIRE, L.C.M. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra: Agropecuária, escravidão, riqueza em Feira de Santana, 1850-1888. PPGH/UFBA. [Dissertação de mestrado], 2007. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11381/1/Dissertacao%20Luiz%20Freireseg.pdf>. Acesso em 04 de abril de 2020.

MAXADO, Franklin. O cordel como voz na boca do sertão. In: Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, Ano 4, nº 3, 2005, p. 232-255.

OLIVEIRA, M. V. M. Prevendo o tempo em Tanquinho, Bahia. Sitientibus, 6: 120-4, 2006.

OLIVEIRA, Calila das Mercês; GALVAO, R. M. ; SEIDEL, R. . O insólito nos cordéis de Franklin Maxado. A Cor das Letras (UEFS), v. 15, p. 27-38, 2014.

PEDROSA, Kamila Marques. Uso E Disponibilidade Local De Sideroxylon Obtusifolium (Roem. & Schult.) T.D. Penn. (Quixabeira) Em Três Regiões Da Depressão Sertaneja Da Paraíba, Nordeste Do Brasil.[Tcc] UFPB, 2012.

SANTANA, Sandro Luiz Cardoso. Memória e Esquecimento Nos Cantos de Trabalho da Quixabeira. Extraprensa: USP, 2017.

_____, Sandro. Música e ancestralidade na Quixabeira. 1.ed., Bahia: EDUFBA, 2012.

SANTOS, Ricardo Ferreira dos. A Representação Sócio-Cultural do Cotidiano Rural na Produção Artística do Grupo da Quixabeira. A Cor das Letras — UEFS, n. 9, 2008 Ricardo Ferreira dos Santos - <file:///C:/Users/User/Downloads/1540-7310-1-PB.pdf>

SILVA, Luciene Ferreira. Música tradicional da infância – características, diversidade e importância na educação musical. Campinas, SP:[s.n.], 2016. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/Silva_LucileneFerreira_M.pdf. Acesso em 02 de março de 2020.

LINKS

São José (das Itapororocas) – Matheus Rios. <https://feirenses.com/sao-jose-das-itapororocas/>

Livro Digital: Distrito de Maria Quitéria: O Progresso passou por aqui-
<https://www.livrosdigitais.org.br/baixar-livro/17110ZSVW4VK9Q>

Atrativos turísticos em São José - <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2018/02/feira-em-historia-cronica-destaca-os-atrativos-turisticos-de-sao-jose-na-decada-de-60-por-adilson-simas/>

Música e Ancestralidade na Quixabeira (Sandro Santana) - <https://youtu.be/tKNjTe1pDSw>

Mulheres da Comunidade Quilombola "Lagoa Grande": Economia Popular e Solidária e Encontro Geracional - <https://www3.ufrb.edu.br/eventos/4congressoculturas/wp-content/uploads/sites/19/2019/03/MESSIAS-Ana-Regina.pdf>

VÍDEOS

Documentário “Quixabeira – Da Roça à Indústria Cultural” -
<https://www.youtube.com/watch?v=xzF0knTEOTA>

Os Guardiões da Lagoa - https://www.youtube.com/watch?v=Z_xr3JTQzyg

Documentário Distrito de Maria Quitéria (São José das Itapororocas) -
https://www.youtube.com/watch?v=wQFXXwYS8_o

Série Cordelistas: Domingos Santeiro - <https://www.youtube.com/watch?v=COYkDKO8VAI>

Cantigas de Verso (VII Novembro Negro) - <https://youtu.be/KLQorheV4o4>

Cantigas de Roda (Roça), Quixabeira da Lagoa da Camisa -
<https://www.youtube.com/watch?v=pPd0Molu25w>

VÉIO, Quixabeira da Lagoa da Camisa - <https://www.youtube.com/watch?v=hPJdy-Zbej4>

BATUQUE, Quixabeira da Lagoa da Camisa - <https://www.youtube.com/watch?v=NI9TZENZprk>

Álbum Ô Pandeiro, Ô Viola - Quixabeira da Lagoa da Camisa -
https://www.youtube.com/watch?v=IOyTOJUwp_A&t=279s

Documentário Quixabeira da Lagoa da Camisa – <https://www.youtube.com/watch?v=HiRrCfPf9ic&t=48s> (1)
<https://www.youtube.com/watch?v=5rgVNYoFCcY> (2)

Quixabeira de Lagoa da Camisa no Conexão Vivo na Sala do Coro -
<https://www.youtube.com/watch?v=Fw8O2X1TMMs&t=1092s>

DISTRITO DA MATINHA

NORTE

Eu vou chupar caju doce, ô minha mãe! No cajueiro menor, no cajueiro menor. Da Bahia me mandaram, ô minha mãe! Um jogo de “domenó”, um jogo de “domenó”. Onde tu vai, Luiz? Eu vou pegar Mateu! Eu vou pegar Mateu. Pr’ele largar de ser ousado, de bulir no que for meu, de bulir no que for meu. Ô deideideideidá, Ô deideideideidá, fazenda nova, aonde eu vou te esperar. Passei por cima da linha. Leitão, leitinha. No quilombo da Matinha... [Boi de Roça cantado por Dona Chica do Pandeiro, composição do pai dela, Seu Aureliano].

SOBRE

A Matinha é um distrito limitado a norte e leste pelo Rio Pojuca. É o mais recente distrito de Feira de Santana, criado no ano de 2007³⁸, pois antes pertencia ao mais antigo distrito, o de Maria Quitéria (São José). Neste processo de desmembramento, a referência quilombola do nome Matinha é mantido, não sem disputa com o poder público municipal (SANTOS, 2016). Reivindicar *Matinha* em referência à *Matinha dos Pretos* é afirmar uma memória local de resistência negra. O distrito é composto pelos povoados: Matinha dos Pretos, Candéal II, Olhos D’Águas das Moças, Santa Quitéria, Moita Onça, Vila Menilha (Salgada), Baixão, Tupy, Tanquinho, Genipapo II, Alto do Tanque, Alto do Canuto, Alecrim Miúdo, Jacu, Capoeira do Rosário e Candéia Grossa. Entre eles, dois povoados, Matinha dos Pretos e Candéal II, foram reconhecidos como territórios quilombolas pela Fundação Palmares nos anos de 2014 e 2016.

Ao todo são dezesseis povoados, incluindo a sede, a comunidade quilombola da Matinha dos Pretos, que não dimensiona as pluralidades das diversas comunidades, mas que é representativa de muitas expressões culturais do local.

Entre as histórias contadas pelos moradores do distrito sobre as origens da sede do distrito, a principal é aquela que conta que pessoas escravizadas na Fazenda Candéal aquilombaram-se

³⁸ Feira de Santana/Bahia. Lei Municipal de nº 2831/2007. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a2/ba/f/feira-de-santana/lei-ordinaria/2007/284/2831/lei-ordinaria-n-2831-2007-dispoe-sobre-a-criacao-do-novo-distrito-no-territorio-do-municipio-de-feira-de-santana-e-da-outras-providencias?q=2007>. Acesso em 03 de abril de 2020.

numa mata um pouco afastada, fechada e densa, mas pequena, que deu origem ao nome da região (SANTOS, 2016). Sendo, portanto, a “Matinha dos Pretos” o local de refúgio e de resistência às violências da escravidão.

Segundo Eliane O’Dweyr (1995), os quilombos na atualidade se referem a grupos que ao longo dos anos mantiveram as suas práticas cotidianas e culturais como forma de resistência em seus territórios e não mais em aspectos meramente biológicos, arqueológicos ou engessados socialmente.

Há quem diga também na comunidade que a formação da comunidade se relacione com fundação do cruzeiro em homenagem a São Roque, em 1920.

A partir da análise contemporânea dos processos de quilombamento e suas complexidades, as duas versões não se excluem, mas reúnem tanto as *memórias dos/as moradores/as do período da escravidão*, quando teria existido o quilombo da Matinha, esta seria a origem do nome da localidade, Matinha “dos Pretos”, bem como incluem a memória da formação do *território* associado ao “fincamento” do Cruzeiro, onde fica a praça principal do distrito, que, segundo os moradores, surge da promessa a São Roque feita por uma moradora da Matinha dos Pretos, caso o surto de peste bubônica no povoado próximo chamado Jacu não chegasse até lá (SANTOS, 2016).

As influências do catolicismo popular e das religiões de matriz africana estão presentes nos diferentes modos de expressão das culturas na Matinha dos Pretos. Nesta comunidade está localizada a Associação Cultural Coleirinho da Bahia (ACCB)³⁹, também ponto de cultura e lugar de resistência do samba de roda em Feira de Santana e que homenageia o mestre sambador

³⁹ Acontecem na Associação Cultural Coleirinho da Bahia (ACCB) as oficinas de percussão, cavaquinho, fuxico, maculelê, capoeira e samba de roda, promovidas pelos e pelas integrantes do Grupo Quixabeira da Matinha e no esforço de promover a continuidade dos conhecimentos e da memória da ancestralidade negra e quilombola de Feira de Santana, do distrito da Matinha.

Coleirinho da Bahia⁴⁰, fundador do grupo Quixabeira da Matinha juntamente com mestre Aureliano sambador⁴¹.

O grupo Quixabeira da Matinha tem suas origens na década de 1970, a partir do samba de roda anual, promovido pelo mestre Coleirinho, junto com sua esposa Dona Chica do Pandeiro e seus familiares no terreirão de sua casa, na Matinha dos Pretos, em homenagem às entidades da Umbanda de mesa branca (SAMPAIO, 2013).

Dona Chica do Pandeiro, mestra pandeirista e lavradora, através da sua força feminina matriarcal negra, é a interlocutora principal das vozes e dos cantos das diferentes manifestações culturais presentes no distrito. Destacar a existência de Dona Chica é o caminho simbólico para compreender as presenças essenciais das mulheres tantas vezes apagadas neste processo de construção imagética de resistência do samba.

O distrito da Matinha como um todo possui inúmeros sambadores, mestres e outros grupos de samba de roda além da Quixabeira da Matinha, como o Grupo União do Samba (Genipapo II) e o grupo Sambadores do Nordeste (Candeal II).

Entre tamarindeiros, cajueiros e em meio às plantações de mandioca, milho e feijão, os cantos do trabalho e da roça estão presentes nas canções compostas pelos grupos de samba de roda. Cultura é trabalho e trabalho é cultura.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

O samba de roda, o samba chula e o batuque...

O samba de roda é uma manifestação cultural popular e o primeiro gênero musical brasileiro a ser considerado bem imaterial brasileiro em 2004 e patrimônio oral e imaterial pela Unesco no ano seguinte. Dança e música são aspectos inseparáveis desta expressão. Apesar do

⁴⁰ Marcos Gonçalves Souza (in memoriam).

⁴¹ In memoriam.

reconhecimento patrimonial ter sido do samba de roda do recôncavo baiano e Feira de Santana ser Portal do Sertão, há uma relação bastante estreita entre estes territórios da Bahia que possuem o samba de roda tradicional como parte da expressão cultural local.

Guda Moreno, vocalista da Quixabeira da Matinha e filho de Coleirinho da Bahia e Mestre Dona Chica do Pandeiro, destaca que esta demarcação parece excluir os diferentes territórios baianos que também se constituem a partir do samba de roda.

O samba de roda é um ritmo que é igual na diferença. Seja em Coité, seja em Feira de Santana, tudo é samba de roda. Não somos valorizados o suficiente para o lugar onde o samba de roda está⁴².

Segundo Guda, o samba de roda chegou batuque (sem viola) e não chula, com as estrofes curtas dos cantos. A viola machete (origem portuguesa) que possui dez cordas, instrumento quase em desaparecimento, era, em geral, produzida pelos próprios sambadores e só depois teria incorporado a viola. O samba de roda está dividido em samba chula e samba corrido, mais conhecido como batuque.

O respeito à roda do samba...

O samba chula é mais cadenciado e a letra cantada conta um fato que está acontecendo. Se se cantou uma chula, depois é cantado o batuque, ou seja, o samba mais pra frente, o samba corrido. Este é um exemplo de relativo de chula:

*Atirei numa cotia por cima de uma cancela, quando a cotia caiu, eu caí por cima dela, o couro desta cotia (...)*⁴³.

O relativo da chula é a estrofe cantada pelo sambador, que, em alguns lugares é chamado de arremate da chula. Depois do relativo, entra a viola. "Quem foi que te ensinou sambar?"

⁴² [Guda Moreno. Dia Municipal do Samba de Roda, Matinha, 2019]

⁴³ [Guda Moreno. Dia do Samba, 2019]

Quando se canta uma chula, você precisa cantá-la duas vezes antes do relativo. Nos sambas de improviso pareados ou nas disputas de versos entre sambadores, não se deve repetir o relativo no improviso, pois o sambador já é considerado perdedor. Isto justifica, por exemplo, a quantidade de composições de Coleirinho da Bahia e de tantos outros sambadores que podem ter ficado nas disputas improvisadas.

O batuque possui uma estrofe mais curta e o ritmo *é mais pra frente* (rápido). O sambador grita e a roda responde em coro. "Ole-olôá... vadeia, vadeia, vadeia... vadeia". O samba tem regra. As pessoas da roda sempre saem da direita para a esquerda para sambar. Enquanto o sambador estiver cantando, ninguém entra na roda para sambar. O coro fica apenas respondendo. Somente quando o cavaquinho ou a viola *chamar* (começa a tocar) é a hora de sair a primeira pessoa para sambar no centro, da direita para a esquerda, e fazer a piegas. Logo depois volta para o mesmo lugar na roda e a próxima pessoa espera o sambador tocar de novo para novamente ocupar a roda. Se furar o samba, a música para. É o respeito a quem antecede, ao caminho, ao próximo...

O Dia Municipal do Samba de Roda...

Quando Bule Bule diz assim: "Ele morrendo seca a fonte dos conjuntos, morre a mãe dos assuntos da cultura popular"
.(Guda Moreno)

As lutas pelo reconhecimento da existência e importância do samba de roda no município de Feira de Santana culminaram no ano de 2011 na instituição do dia municipal do samba de roda⁴⁴, que é 25 de novembro. A data é uma referência ao registro deste tipo de samba como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

⁴⁴ Lei Municipal Nº 3271/2011 de instituição do dia do samba de roda na cidade de Feira de Santana, Bahia. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/f/feira-de-santana/lei-ordinaria/2011/328/3271/lei-ordinaria-n-3271-2011-institui-o-dia-municipal-do-samba-de-roda-no-municipio-de-feira-de-santana-e-da-outras-providencias>. Acesso em 03 de março de 2020.

O samba de roda do recôncavo baiano foi reconhecido como patrimônio imaterial do Brasil pelo IPHAN em 2004 e em 2005 pela Unesco e tem como entidade representativa a ASSEBA (Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia), que reúne diferentes casas de samba em diferentes municípios, inclusive Feira de Santana.

A necessidade de afirmação e a construção de políticas de valorização das culturas populares em suas mais diferentes expressões e especificamente o samba de roda no sertão, neste limite estreito com o recôncavo, torna-se essencial e a necessidade de políticas de memória e manutenção são marcas das falas de quem faz samba de roda em Feira de Santana. Segundo Guda Moreno,

O samba de roda é tão importante, mas os sambadores não foram valorizados o suficiente para o 'norral' que o samba de roda hoje tem, porque ele foi registrado pelo IPHAN como patrimônio cultural do Brasil, um bem imaterial e logo em seguida vem a Unesco e dá o título como patrimônio oral e imaterial da humanidade. Olha a amplitude que tem o sele 'samba de roda'... [Guda Moreno, Dia do Samba de Roda, 2019].

A partir disso que, como forma de valorização, comemoração e luta, o grupo Quixabeira da Matinha marca o dia anualmente com rodas de conversas com a juventude e com a comunidade feirense, oficinas e com samba de roda na sede da Associação Cultural.

Na sombra das árvores do terreiro da Matinha dos Pretos é que as comemorações acontecem. O período da tarde é para falar sobre a importância do samba de roda, as suas especificidades, a relação do samba com o quilombo, a continuação das tradições até o cair da tarde, quando o *sol esfria*, momento este em que as pessoas da comunidade se preparam para a roda e para o show no palco concreto da Quixabeira da Matinha.

É samba aberto, com as poeiras levantadas dos pés de meninos e meninas que sambam, do futebol das crianças ao redor, dos bolos de puba e beijus no tabuleiro, das casas aquilombadas...

O Samba de Candeeiro...

O candeeiro, também chamado de lampião, fifó, candeia, alcoviteiro é um artefato feito de lata em formato de pirâmide e no topo há um pavio de algodão. Na parte de dentro, coloca-se

querosene para alimentar a chama no pavio. O uso deste utensílio era muito mais comum quando as cidades não possuíam energia elétrica.

Em tempos de cidades sem energia elétrica no interior, “alcoviteiro” iluminava as salas e os possíveis namoros no escuro. Este termo é comumente utilizado para se referir à pessoa que costuma atrapalhar namoros ou qualquer situação que não deveria interferir⁴⁵.

A luz do dia costuma interferir diretamente na dinâmica de vida das pessoas. A utilização do candeeiro, da energia elétrica pode ser entendida como uma possibilidade de extensão das atividades. Nas narrativas sertanejas, o candeeiro é o próprio espírito sertanejo (calor, luz e vida). O candeeiro no samba da Matinha dos Pretos remete a um passado quase breve, a uma memória dos antigos sambas que aconteciam à meia luz do candeeiro, à luz das lenhas das fogueiras no sertão...

O terceiro samba de candeeiro realizado com este nome publicamente aconteceu em 2019 na casa que abriga a Associação Cultural Coleirinho da Bahia. Sob a luz da fogueira montada na frente da casa, as pessoas do quilombo da Matinha e algumas pessoas de fora⁴⁶ cantam as canções na porta casa, pedindo licença para a entrada. A fogueira estende o samba e demarca o seu fim também. *O samba acaba quando a última lenha queima.*

A cantoria de licença é embalada por ela e por Guda até que a porta é aberta e as luzes amareladas que iluminam a casa são somente as do candeeiro. A entrada em procissão das pessoas se dá aos poucos. Dona da casa dá licença e explica já no início que para a roda (do samba) girar existem regras. *Ninguém entra no momento da chula, sem gritos para não atrapalhar a cantoria, as palmas de quem está na roda sustentam a energia da música e dos tocadores, a roda gira da esquerda para a direita e entram dois ou três no momento do batuque porque é muita gente e os músicos cansam, por fim, quem já entrou na roda dá espaço para outras pessoas; respeita seu tempo de espera e quem vem antes.*

⁴⁵ SOUSA, 2017.

⁴⁶ Em 2019, quando a visita foi realizada, o samba era composto por pessoas principalmente do distrito e do quilombo da Matinha, algumas pessoas da sede de Feira de Santana, também de Salvador e da Suíça.

E é assim ao longo de toda a madrugada: samba e roda e gira. Os sambadores presentes são convidados a assumir a roda para manter a energia em circulação e compartilhar a voz no samba para que outros descansem. As cores quentes, o calor, as chamas do candeeiro e as sombras sambam, ocupando toda a casa...

Senhoras, muitas senhoras, jovens, mulheres e homens e algumas crianças. Todos embalados pelo som percussivo. Parcerias de entrada na roda se faziam a cada giro. Repetidamente. Um samba tímido, um samba de axé com braços arqueados, um samba galopado nos ombros, um samba deslizando da menina, um samba pulado, um samba performado e de salto, um samba olhando para o chão, um samba olhando no olho, um samba olhando para os tocadores, um samba com o pandeiro girando, um samba rodado, um samba miúdo, um samba duplo, um samba só, um samba triplo, um samba duro. Repetidamente. Vozes rasgadas, palmas no ritmo e repetição até o dia clarear.

O samba que começa às dez horas da noite só termina com o clarão do dia, com as cinzas da lenha queimada às quatro e trinta da manhã. Com o pé de tamarindeiro dando frutos lá pela segunda semana de dezembro⁴⁷, os corpos em festa se despedem ou permanecem resistindo, à espera do mocofato⁴⁸ fresco que é servido a quem ficou até o samba acabar...

A tirana/boi de roça, o boi roubado e o rei roubado...

Além do samba de roda como expressão cultural que atravessa o cotidiano dos diferentes povoados do distrito da Matinha, outras manifestações culturais estão presentes na construção simbólica dos moradores do local, principalmente as que guardam relação com o catolicismo popular, como os festejos de reis.

⁴⁷ Em 2019, o samba de candeeiro aconteceu no dia 15 de dezembro.

⁴⁸ O prato é feito com o mocotó, o termo vem do *quicongo makooto*, e significa "pata de bovino", com fato (rúmem ou bucho), que é o estômago do boi, em caldo e cortado em pedaços com outras carnes de boi e porco.

Mestra Dona Chica do Pandeiro ao falar das memórias com o seu pai, sambador Aureliano, retoma as manifestações que ela chama de “tirana de roça” e “boi roubado e rei roubado”. A tirana de roça é assim:

Eu não sei improvisar, mas eu vou falar o que eu sei. (*canto*). “*Vou-me embora, vou-me embora! Adeus, terrô! Tão cedo eu não vorto cá, Adeus terrô! Se Iaiá quiser me ver. Adeus, terrô! Boto seu navi no mar. Adeus, terrô! Quem morre, não volta mais, se acabou! Adeus, terrô!*” Eu não sei improvisar. (Aí outra pessoa continua). [Mestra Dona Chica do Pandeiro. Dia Municipal do Samba, 2019].

A tirana de roça é o verso improvisado, a cantiga popular produzida a partir do cotidiano dos sambadores e que se relaciona com as dinâmicas de plantação e colheita.

Junta o batalhão de gente, vai pra roça da pessoa e a pessoa não está sabendo. O boi de roça é mesma coisa do rei roubado. Aí quando é 4 horas da manhã, eu vou com a minha turma e levo café, cachaça, comida pra roça da pessoa. Quando chega na roça da pessoa, joga o foguete pra cima. Aí os homens tomam “enxada na malhada”. Aí a pessoa vai assustar e ver a roça cheia de gente trabalhando e de manhã, passou o pedaço de cova, cavado ou terra capinada e a pessoa (dona da roça) tá de boa. Vai a pessoa (dona da roça) cobrar outra vez. A dona da roça junta os dela e vem pra minha roça, sem eu saber também. Esse é o boi roubado. [Mestra Dona Chica do Pandeiro. Dia Municipal do Samba, 2019].

Segundo Mestra Dona Chica, o boi de roça e o rei roubado são a mesma coisa, mas se diferenciam no aviso prévio ou não. Reúne-se um grupo de pessoas e durante a noite ele se dirige de surpresa até a casa da pessoa para “cantar o rei” na porta. Ao som dos foguetes⁴⁹, a chegada é anunciada juntamente com os cantos e os batuques ao anfitrião, que, por sua vez, arruma a sala para abrir espaço para o samba acontecer até o dia seguinte. A comida é oferecida por quem vai “roubar o rei” e não o dono da casa. E este mesmo morador se junta com o grupo para fazer o rei roubado da próxima vez em outra casa. Costuma acontecer nos períodos de maio a junho, no inverno, que é o tempo da plantação.

Já o boi de roça não é *roubado* ou de surpresa. É cantado no momento em que as covas⁵⁰ para o plantio são feitas. Novamente, um grupo de pessoas é convocado a trabalhar e cantar. Enquanto alguns iniciam o canto pareado, outros dois respondem este canto. É o improviso na produção da cultura: *cantando, cavando cova, trabalhando*.

⁴⁹ Fogos de Artifício.

⁵⁰ Covas são os buracos cavados na terra para o cultivo das sementes.

Eu vou chupar caju doce, ô minha mãe! No cajueiro menor, no cajueiro menor. Da Bahia me mandaram, ô minha mãe! Um jogo de "domenó", um jogo de "domenó". Onde tu vai, Luiz? Eu vou pegar Mateu! Eu vou pegar Mateu. Pr'ele largar de ser ousado, de bulir no que for meu, de bulir no que for meu. Ô deideideideidá, Ô deideideideidá, fazenda nova, aonde eu vou te esperar. Passei por cima da linha. Leitão, leitinho. No quilombo da Matinha... [Boi de Roça cantado por Mestra Dona Chica do Pandeiro. Dia Municipal do Samba, 2019].

Entre os cantos de trabalho: cantos de pilão e a Bata do Feijão...

Ô a morena pisa o milho, pei, pei, pei! No pilão da sapucaia, pei pei pei! Ele pisa e sapateia... na barra da tua saia, pei pei pei!⁵¹.

Nestas culturas marcadamente orais, os cantos são passados de mãe para filha. Na divisão dos trabalhos, o do pilão, em geral é uma atividade marcadamente feminina e coletiva. Pilar ou amassar o milho para fazer fubá ou esmagar o café para fazer "café cardiado" é feito por duas ou mais mãos cadenciadas. Os socos da madeira no pilão se alternam. Tudo isso produz som. As batidas cadenciadas unidas aos cantos para embalar o tempo do trabalho fazem parte da dinâmica da vida no trabalho com a terra e a produção de cultura.

Na Bata do feijão, assim como nos cantos de pilão, os cânticos embalam as dinâmicas do roçado, do trabalho rural. É rito, é festa, é trabalho (...). Diferente dos trabalhos de pilão, os da *bata do feijão* costumam ser uma prática feita majoritariamente por homens, pelo menos neste momento em que o trabalho consiste em bater nas vagens secas com tocos de madeira para separar os grãos do feijão da vagem⁵². No segundo momento, chamado de *biatagem*, as mulheres ficam responsáveis pela separação das cascas e pós dos grãos com grandes peneiras.

*Os Homi pra bater
As mulher pra biatar⁵³.*

⁵¹ Disponível no documentário Cantos da Matinha (2004).

⁵² Frutos que envolvem os grãos de feijão, que são sementes.

⁵³ Trecho de cantos da Bata do Feijão de Feira de Santana.

Os movimentos circulares das mãos das mulheres giram as peneiras numa coreografia embalada pelos cantos e lançam para cima os grãos para que o vento afaste as cascas do feijão. Em algumas comunidades é comum, no momento da biatagem, assoviar para chamar o vento⁵⁴.

As batatas do feijão acontecem em geral entre setembro e outubro e são manifestações tradicionais em diferentes comunidades rurais nos distritos da cidade de Feira de Santana e também são bastante marcantes no território do Sisal. Os cantos de trabalho são a própria expressão da resistência e condição de permanência em trabalhos intensos. A dimensão de rito, festejo e trabalho não se separam. Faz parte da dimensão coletiva de vivência do trabalho. Os cantos de trabalho podem ser lidos como esta relação de ancestralidade com a terra, que marca o tempo e o ciclo da vida coletiva.

*Vamos bater feijão lá na casa de meu anjo (solo)./No terreiro novo./No primeiro ano (coro)*⁵⁵. O feijão é plantado, colhido, secado ao sol em uma armação de madeira. Depois de secar é levado para o terreiro do dono do plantio. Ao redor do monte de vagem seca acontece a *bata*, numa grande roda com várias mãos, pés e vozes de homens que cantam e dançam de maneira circular batucando o feijão e a vagem percussiva. O chacoalhar das mãos das mulheres com grandes peneiras separam o feijão das cascas. O monte de vagem diminui. O de feijão cresce. As bocas molhadas e pinga e suor sustentam o canto e no fim da canção coletiva, a vagem seca retorna para adubar novamente para a terra.

Em agradecimento às boas colheitas do ano, o rito passado de geração a geração revela a herança ancestral e também a criatividade para composição de novos versos e da vida, onde o cotidiano musicalizado diz que cultura é aquilo que se produz e se cultiva nesta interação potente das pessoas umas com as outras e com o mundo⁵⁶.

⁵⁴ LOPES; DAMASCENO, 2015.

⁵⁵ Documentário Cantos da Matinha (2004).

⁵⁶ Referência no Museu Virtual da Bata do Feijão. Vide Links.

Ainda que a bata do feijão seja uma manifestação mais rara de ser encontrada atualmente nos distritos de Feira de Santana⁵⁷, através desta memória coletiva dos sujeitos, as práticas são presentificadas através das memórias coletivas dos sujeitos mais antigos das localidades.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Cristina Machado de. Comunidades Negras Rurais e Memórias de Quilombos. - Feira de Santana: Monografia de conclusão do curso de graduação em História, UEFS, 2008;

GONÇALVES, Maria da Conceição Moreira. Matinha dos Pretos: Identidade e Cultura. TCC em Licenciatura em Letras com Espanhol, UEFS, Feira de Santana, 2011;

LOPES, Robson C. S.; DAMASCENO, Karine T. CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NO POVOADO DE LAGOA D'ÁGUA EM FEIRA DE SANTANA -BA: dos anos 50 aos dias de hoje. Revista Maiêutica, Indaial, v. 3, n. 1, p. 43-62, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228916901.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2020.

REIS, Máira Lopes dos. O Trabalho das Mulheres na Produção do Espaço Agrário de Matinha dos Pretos – Feira de Santana-Bahia. Dissertação de Mestrado em Geografia, Salvador, UFBA, 2013;

SAMPAIO, Maria Cristina de Jesus. O currículo vivido e os repertórios culturais negros nas escolas municipais da Matinha dos Pretos - BA: diálogos com a Lei 10.639/03. 2013. 181f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013. Disponível em <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/181/2/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20final.pdf>. Acesso em 03 de abril de 2020.

SENTO SÉ, Frederico Nascimento. Memórias da Matinha. TCC em Licenciatura em História, UEFS, Feira de Santana/ BA, 2009;

SILVA, Cristiane dos Santos. Experiências do Adoecimento de Mulheres e Homens com Doença Falciforme em Comunidades Negras Rurais. Dissertação de Mestrado em Enfermagem, UFBA, 2013; SAMPAIO,

SOUSA, Sandro Luis de. O Abc do Sertão: aspectos semântico-culturais e fonéticos do português brasileiro na obra de Luiz Gonzaga/Sandro Luis de Sousa- João Pessoa, 2017. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2017/06/O-ABC-do-Sert%C3%A3o_Vers%C3%A3o-Final-AP%C3%93S-DEFESA.pdf. Acesso em 02 de março de 2020.

SOUZA, Railma dos Santos. Memória e história quilombola: experiência negra em Matinha dos Pretos e Candeal (Feira de Santana/BA)/ Railma dos Santos Souza. – Cachoeira, 2016. Disponível em https://www.ufrb.edu.br/mphistoria/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Turma_2014/Railma_dos_Santos_Souza_-_disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em 04 de abril de 2020.

SOUZA, Railma dos Santos. Escravidão na Princesa do Sertão: Matinha dos Pretos/Fazenda Candeal e a historiografia da escravidão (Feira de Santana - 1854-1945). TCC em Licenciatura em História, UEFS, Feira de Santana/BA., 2013.

⁵⁷ Existem registros de Bata do Feijão em comunidades nos distritos de Maria Quitéria, Jaguara, Bonfim de Feira, Matinha, entre outras.

SOUZA, Elane Bastos de. Terra, território quilombo: à luz do povoado de Matinha dos Pretos (BA) / Elane Bastos de Souza. - Salvador, 2010. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19769/1/Elane%20Bastos%20de%20Souza.pdf>. Acesso em 03 de abril de 2020.

LINKS

Comunidades Quilombolas de Feira de Santana - http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/cadastro_unico/levantamento-de-comunidades-quilombolas.pdf

Empodera Quilombo - <https://empoderaquilombo.com.br/>

Dia Municipal do Samba de Roda (Lei 3271/2011) - <https://leismunicipais.com.br/a/ba/f/feira-de-santana/lei-ordinaria/2011/328/3271/lei-ordinaria-n-3271-2011-institui-o-dia-municipal-do-samba-de-roda-no-municipio-de-feira-de-santana-e-da-outras-providencias>

Samba de Candeeiro (3ª edição) na Associação Cultural Colerinho da Bahia -

<http://daquixabaaquixabeira.blogspot.com/2017/11/ii-seminario-sobresamba-shows-e.html>/<https://www.jornalfolhadoestado.com/noticias/86724/2%C2%BA-samba-de-candeeiro-no-distrito-de-matinha->

Festa do Vaqueiro Distrito da Matinha (Povoado de Alecrim Miúdo)

<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2018/09/feira-de-santana-festa-do-vaqueiro-ocorre-na-comunidade-do-alecrim-miudo>

Bata do feijão, tradição que fez parte das roças brasileiras até meados do século XX - <https://www.coisasdaroca.com/tradicao/bata-do-feijao.html>

VÍDEOS

CD Quixabeira da Matinha - <https://www.youtube.com/watch?v=b-CaNti4UZc>

Documentário Samba as Dores - <https://www.youtube.com/watch?v=pvWD0KjQsj0>

Cantos da Matinha - <https://www.youtube.com/watch?v=PAiXVu4ge0Y>

Da Quixabeira pro Berço do Rio - <https://www.youtube.com/watch?v=gTAw9HHjs1o>

Bata do Feijão - <https://www.youtube.com/watch?v=3EFhDVDESMD>

DISTRITO DE BONFIM DE FEIRA

OESTE

SOBRE

Segundo os moradores mais velhos do distrito de Bonfim de Feira, a localidade era caminho dos boiadeiros e seus gados e estes boiadeiros vinham de Minas Gerais e Goiás e eram atraídos pelos festejos religiosos. Assim como o desenvolvimento de Feira de Santana, é possível afirmar que o povoamento de Bonfim de Feira ocorreu atravessado pelos trajetos dos tropeiros e boiadeiros, que seguiam pelo sertão em direção ao Recôncavo e ao Litoral. É bastante como a presença da planta da caatinga calumbi, conhecida também como “unha de gato” ou “rompe-gibão”.

Há uma versão sobre o povoamento da localidade que diz que o terreno onde fica a Igreja de Senhor do Bonfim teria sido doado pela família Bastos do Sítio Calumbi devido a uma promessa ou recompensa feita. O casal havia comprado do fazendeiro do Camisão (atual Ipirá) um homem negro escravizado para procriação, no entanto, este teria fugido no caminho. A promessa, então, feita pela esposa católica de Bastos era a de que, caso o homem fosse encontrado, doariam um terreno para a construção da Igreja de Senhor do Bonfim. O que aconteceu e a área foi doada. Em 1783, há registros de doação de terreno para a construção da Igreja de Senhor do Bonfim no alto da colina da mata de calumbi. Em 1835, a vila tinha 307 casas e uma população estimada em 1406 pessoas. Dentre os habitantes, havia 405 escravos e 41 negros libertos, que representam aproximadamente 32% do contingente populacional daquela época⁵⁸.

Há ainda outras versões sobre o nome do distrito associadas a aparições de Senhor do Bonfim:

Uma das versões extrai-se do diálogo entre idosos: “Agora, o início do nome, ela quer saber do início (LF, 71 anos). E por que mudou (JT, 74 anos). Não, como foi fundado esse nome. Porque aqui, se aqui é o Bonfim, por quê? Foi porque o Senhor do Bonfim apareceu aí” (LF,

⁵⁸ BAHIA, Livro nº 58, fl. 39, Arquivo Cachoeira apud SANTOS, 2017.

71 anos). E de outra geração: “ali, existia uma gruta, onde o Senhor do Bonfim aparecia” (EM, 50 anos)⁵⁹.

O Distrito de Bonfim de Feira já se chamou Itacuruçá, quando houve alteração toponímia em 1938. Em 1943 volta a se chamar Bonfim de Feira⁶⁰. É atravessado pelo *Ribeirão do Cavaco* que deságua no Rio Jacuípe e por mais dois rios secundários: o *Riacho da Mussuca* e do *Cabano*. Até o início do século XX, o comércio de fumo de Bonfim de Feira era bastante forte⁶¹.

A história deste distrito é profundamente marcada pela presença das raízes religiosas afro-brasileiras e católicas dinamizadas pela passagem dos boiadeiros.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Cartografia das presenças católicas e afro-religiosas...

Entre os 27 centros religiosos registrados no distrito, existem as seguintes edificações católicas: a Igreja do Senhor do Bonfim Senhor do Bonfim e as capelas, situadas no Monte (Candeal), Santa Bárbara, São Roque do Jenipapo, São Roque de Terra Nova e da Crureira.

Quanto aos templos afro-brasileiros, onze são identificados. O que é um número bastante expressivo para toda a cidade de Feira de Santana que muito desconhece e se construiu no silenciamento das presenças negras no sertão, bem como no enraizamento de preconceitos contra as expressões afro-religiosas. O importante trabalho de Milena Santos (2015) situa e nomeia todos os terreiros presentes no distrito de Bonfim de Feira.

Entre eles, sete estão no perímetro urbano e outros quatro na zona rural, quais sejam: Oxóssi (Rua do Tanque Novo), Deus dará em Umbanda (Rua da Cachoeira), Rei dos Astros (Rua

⁵⁹ BARBOSA, 2012.

⁶⁰ Antes disso, quando a primeira paróquia foi construída, ocorreu simultaneamente a elevação do povoado a distrito, passando a se chamar Senhor do Bonfim e posteriormente Bonfim de Feira. No período de povoamento do distrito, Feira de Santana já havia se tornado cidade e muitas pessoas que vinham de Cachoeira, passavam pelo povoado para descansar, algumas ficaram e construíram casas, fazendo da terra seu trabalho. (NEVES, 2005 apud BARBOSA, 2012)

⁶¹ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/feiradesantana.pdf>. Acesso em 15 de março de 2020.

Santa Cruz), Caboclo Boiadeiro (Rua da Jaqueira II), Ogum/Oxum (Rua da Feira), Barracão de Oxóssi (Rua da Jaqueira I) e Salão Santo Antônio (Rua da Paz) e na zona rural - Divino Espírito Santo (Fazenda Jenipapo), Abaluaê com Iansã, Ogum e Tupinambá (Terra Nova), Iemanjá/Tupinambá (Poço) e Índio Tupinambá (Terra Nova)⁶².

Embora a maioria dos centros possua o alvará de funcionamento, registrados como Centros Umbandistas, e os mesmos apresentarem características que se relacionam com a Umbanda ou Quimbanda, é comum seus seguidores – (as), rezadores – (as) e zeladores – (as) se referirem a sua religião como Candomblé ou Candomblé Católico, já que, como disse um babalorixá local, “candomblé é comunidade!” (SANTOS, 2015).

Além da autora Milena Santos, Ronaldo Senna (2014) traça um panorama das *encantarias feirenses*⁶³, oriundas de matrizes afro-religiosas. Isto para dizer que muitas pessoas se relacionam com os encantados, santos católicos, caboclos e orixás, mas sem uma preocupação com definições de referenciais míticos.

Em Bonfim de Feira, a maior liderança religiosa foi o babalorixá João do Jenipapo, João Batista da Conceição (1932 – 2008), proprietário da Fazenda Santa Bárbara, considerado o instituidor da umbanda na região e referência para diversas manifestações culturais no distrito.

Em toda a construção mítico-ritual, a transcendência não se mostra com excludências, dicotomias ou ambivalências absolutas. Santos, orixás e caboclos comportam-se em diferentes níveis, mas sempre em arranjos de complementariedades. A rigor não há uma correspondência simbólica, como nos candomblés de origem Keto ou Gege-Nagô⁶⁴.

⁶² SANTOS, 2015.

⁶³ (PRANDI, 2001 apud SENNA, 2014) Caboclos, mestres e outras entidades conhecidas nas religiões afro-brasileira pelo nome genérico de encantados, concebidos como espíritos de homens e mulheres que morreram ou então passaram diretamente deste mundo para o mundo mítico, invisível sem ter conhecido a experiência de morrer: diz – se encantado.

⁶⁴ Ronaldo Senna, Candomblé Católico. Disponível em: <http://bmgil.tripod.com/rss11.htm>. Acesso em 10 de abril de 2020.

Mapa de memórias coletivas...

Assim como em outros distritos já referido, Bonfim de Feira tem memórias dos seus cantos de trabalho através da bata do feijão⁶⁵, bata do milho e também a amarra do fumo. Apesar das dinâmicas de trabalho terem se modificado ao longo do tempo, criando novos territórios de significação destes cantos, as manifestações culturais permanecem fortes no distrito e se relacionam com as diferentes expressões da religiosidade no distrito...

Os Reis de Bonfim de Feira...

No distrito de Bonfim de Feira, a celebração de Reis faz parte dos votos aos santos meninos Cosme e Damião (ibejis) e ao santo-guia nas casas de umbanda, que pode ser Santo Antônio/Ogum (junho, outubro, dezembro), São Jorge/Oxossi (abril), São Roque/Obaluaê (agosto, setembro), Santa Bárbara/Iansã (dezembro, fevereiro), Senhora da Conceição/Iemanjá (janeiro, fevereiro, novembro), Senhora das Candeias/Oxum (fevereiro, outubro, dezembro) e Senhor do Bonfim/Oxalá (janeiro). Diferente de outras localidades, os festejos não se restringem ao ciclo natalino e são diferentes dos reisados e as bandeiras ou estandartes produzidos são da santidade da casa⁶⁶. As vestimentas podem ser as do candomblé, principalmente quando a casa que conduz é mais antiga.

⁶⁵ O grupo Sol Nascente da comunidade de Caboronga (Bonfim de Feira) costuma realizar a bata do feijão e participa de ações de culturas populares na sede de Feira de Santana. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/164431/bata-do-feijao-abre-semana-do-folclore-no-mercado-de-arte-popular.html>. Acesso em 11 de abril de 2020.

⁶⁶ BARBOSA; BASTOS; MELO; SOUZA; PAIXÃO; OLIVEIRA, 2014.

Entre as manifestações documentadas por pesquisadoras⁶⁷, somente o Centro do Caboclo Boiadeiro⁶⁸ não celebra Reis. Muito embora, esta seja a única casa que realiza a lavagem das baianas nas festas de caboclo em julho e na de Santa Bárbara em dezembro⁶⁹.

Há quem diga que os Reis cantados são os mesmos dos ciclos natalinos. Outros afirmam que são encantados nobres, importantes, que tem coroa. Ou ainda aqueles que não precisam explicar, apenas dizem que faz parte dos festejos de Cosme e Damião.

Os cantos são puxados pela zeladora da casa e pelas rezadeiras, os participantes acompanham com palmas e os tocadores podem tocar atabaques, caixas, agogôs, bem como outros instrumentos, como a sanfona e ainda instrumentos de sopro, soba influência das antigas bandas filarmônicas. O canto de chegada pede licença, o segundo comunica a chegada dos Reis, o terceiro saúda o dono da casa e quarto é de espera, o quinto anuncia Cosme e Damião e o sexto é o de abertura da casa⁷⁰.

O cortejo é recebido por incensos ou por águas de cheiro, a depender da entidade à qual se dedica o *Reis*. Dentro da casa é formada uma roda e o "Reis é coroado" através de outra estrofe de cantoria e muita dança.

O Giro das Lapinhas...

-Deus Menino nasceu, Deus Menino criou, Deus Menino não viu quando a lapinha queimou!, diz Dona Bitinha.

-[o certo] é Dois meninos nasceu, dois meninos criou, Deus Menino não viu quando a lapinha queimou!, responde o vaqueiro Antônio Moreira⁷¹.

Diferente dos Reis em homenagem a Cosme e Damião e outros santos que podem acontecer em diferentes momentos ao longo do ano, a celebração que acontece no dia 6 de

⁶⁷ As principais pesquisas sobre o distrito de Bonfim de Feira, através da Universidade Estadual de Feira de Santana, são realizadas por e com os grupos: Projeto de Extensão Bonfim de Feira em Foco, Grupo União (adultos e Idosos) e Grupo Infantojuvenil da Árvore e o Segredo do Passarinho (Gasp).

⁶⁸ Casa de tradição angola-queto.

⁶⁹ BARBOSA; BASTOS; MELO; SOUZA; PAIXÃO; OLIVEIRA, 2014.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Projeto Bonfim em Foco documenta a trilha das lapinhas. Disponível em: <http://www.uefs.br/modules/noticias/makepdf.php?storyid=71>. Acesso em 10 de abril de 2020.

janeiro em Bonfim de Feira caracteriza-se pela visitação, desmonte e queima da lapinha (presépios natalinos) com a presença de pastoras.

Um costume que era comum dentro desta tradição era o “roubo dos reis”, que significava a visita surpresa nas casas sem que os proprietários soubessem para a celebração do Reis.

O resgate da tradição das Lapinhas tem sido realizado desde o ano 2012 pelo Grupo União, que reúne adultos e idosos de Bonfim de Feira em torno das manifestações culturais do distrito, junto com Projeto de Extensão Bonfim em Foco/ UEFS. Em 2016, neste processo de fortalecimento da manifestação no distrito, foram mapeadas 16 lapinhas⁷² na sede de Bonfim de Feira. No ano de 2019 foram registradas 21 lapinhas.

As lapinhas são montadas com diferentes ornamentações. As personagens são as figuras: sagrada família (católica) e outros santos, entidades, orixás, animais, bonecos, papai noel, carros, que podem ser de plástico, cerâmica, vidro, papel ou cera. A ambientação é feita com terra ou areia e com plantas verdes ou secas da região (musgos, gravatá e barba de velho) ou ainda conchas. Além disso, são incluídos piscas-piscas, bolas coloridas, árvores de natal e luzes, entre outros adereços.

Em geral, as lapinhas são montadas no chão, em um móvel nas salas das casas ou em um quarto-santuário e todas as peças utilizadas na lapinha são direcionadas para a manjedoura em referência ao nascimento de Deus Menino. O giro só ocorre após a virada do ano. Na visitação de casa em casa, os puxadores de reis cantam o “Reisado de São José” e também “Reis de reza”⁷³.

⁷² Moradoras(es): Josué, Gaída, Noélia, Bitinha, Tonha, Góí, Tuninha, Nenen, Quel, Pina, Zói, Neusa, Ana, Maria, Costinha e Zé.

⁷³ O Projeto Giro das Lapinhas resultou em um livro também publicado no ano de 2019 pela Editora Uefs. Organizado por Liana Barbosa e Gracinete de Souza, o livro *Giro das lapinhas* apresenta uma coletânea de cantigas de reis, pastoril e queima de lapinha, um mapeamento e depoimentos dos protagonistas que anualmente cultuam a lapinha na vila de Bonfim de Feira.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. M.; SOUZA, G. B. ; GRILO, D. C. ; SILVA, A. S. ; MELO, L. F. . BOM FIM: Bonfim em foco I, mapeamento do distrito feirense Bonfim de Feira, Bahia. In: Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 2012, Cachoeira. III BECULT. Cachoeira: PROEX/UFRB, 2012.

BARBOSA, Liana Maria et al. Santos Reis no Distrito de Bonfim de Feira, Bahia: Origem, Tradição e Transformação Cultural. Interfaces – Revista de Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 54-75, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/download/30/pdf>. Acesso em 10 de abril de 2020.

GRILO, D. C. Mapeamento de Bonfim de Feira. Relatório de Iniciação Científica. Feira de Santana: UEFS. 2008

MELO, L.F de. Identificação, uso e apropriação do patrimônio ambiental e histórico (material) do distrito Bonfim de Feira. Relatório de Iniciação Científica. Feira de Santana: PPPG/UEFS 2011.

RODRIGUES, Milena Santos. “Andar com fé eu vou!” Entre transições e tradições: um pouso cartográfico sobre as trajetórias dos jovens de terreiro em Bonfim de Feira. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/291>

SENNA, R. S. Feira de Encantados: Uma panorâmica afro-brasileira em Feira de Santana: Construções simbólicas e ressignificações. Feira de Santana. UEFS Editora. 2014.

SILVA, A. S; SOUZA, G. B. Diagnóstico geoambiental do distrito Bonfim de Feira. Goiânia: Ateliê Geográfico, 53 – 73. 2009.

LINKS

Disponível em: <http://noticias.uefs.br/portal/noticias/2009/bonfim-de-feira-terra-de-lendas-e-religiosidade>. Acesso em 10 de abril de 2020.

Livro Digital (Distrito de Bonfim de Feira) - <https://www.livrosdigitais.org.br/livro/20359PIOOIJ1WS>

VÍDEOS

Bonfim de Feira em Foco: Charanga - <https://www.youtube.com/watch?v=ebh2N-p1lnI>

Bonfim de Feira em Foco: Cantoria - <https://www.youtube.com/watch?v=OZAnuzuOeow>

Roque da Viola – Raízes do Samba de Tocos (Entre Antônio Cardoso e Bonfim de Feira) - https://www.youtube.com/watch?v=FsC6Ku_einw

Lavagem de Caboclos - <https://www.youtube.com/watch?v=OYHeRsaRW4>

GASP, Grupo União, Bonfim em Foco Projeto - <https://www.youtube.com/channel/UChTZYzFbfD8zBn14149RDtw>

Tradição das Lapinhas - <https://www.youtube.com/watch?v=AQfm6bkKT8w>

Mitos dos Montes - <https://www.youtube.com/watch?v=ayK0e-afTVw>

Filme Grito da Terra (1964), gravado em Bonfim de Feira - <https://www.youtube.com/watch?v=a5FP4LkoAt4>

DISTRITO DE HUMILDES

LESTE

SOBRE

Nossa Senhora de Humildes,
No rio ela apareceu
Todo povo desta terra
Viu milagre que assucedeu
Pra ver a Santa querida,
Que no rio apareceu.
(Romildo Nascimento)

Os antigos moradores de Humildes contam que o surgimento do povoado se deu a partir da aparição de Nossa Senhora dos Humildes nas margens do rio Subaé, que atravessa o distrito na Rua São Salvador. Além disso, dizem que a construção da Igreja aconteceu duas vezes porque ela deveria ser construída em direção ao rio. Somente no momento em isto aconteceu, a Igreja permaneceu de pé e foi nomeada de Igreja Nossa Senhora dos Humildes⁷⁴.

Fronteira com o município de São Gonçalo dos Campos, ao qual pertencia, e também com o município de Santo Amaro⁷⁵, recôncavo baiano, o distrito de Humildes é marcado historicamente pela forte exploração escravista nas usinas de engenho, nas plantações de cana-de-açúcar, fumo e mandioca. O comércio de escravos era intenso e muitos registros da objetificação negra revelam a herança violenta que marca a história da cidade de Feira de Santana⁷⁶.

⁷⁴ A Festa de Nossa Senhora dos Humildes, padroeira local, é centenária e acontecem na primeira semana de fevereiro. (Pesquisa realizada pela equipe de professores da Escola Municipal Antônio Brandão de Souza). Disponível em: <http://distritodehumildes-fsa.blogspot.com/p/breve-historico-antigo-de-humildes.html>. Acesso em 10 de abril de 2020.

⁷⁵ Em Santo Amaro, município que faz fronteira com o distrito, existe também a Igreja do Museu do Recolhimento dos Humildes, onde comumente acontecem Missas Afros.

⁷⁶ SILVA, 2017

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Do barro de Crispina dos Santos: a criação das figuras...

A artesã feirense, Crispina dos Santos (25.10.1927)⁷⁷, mulher negra nascida no povoado de Camondongo⁷⁸, localizado no distrito de Humildes. Aprendeu, desde criança, as artes do manuseio do barro com a mãe Lúcia dos Santos, que produzia louças. Crispina fazia peças principalmente para presépios/lapinhas para serem vendidas na feira de livre no centro de Feira de Santana.

A venda de peças de barro por louceiras na feira livre de Feira de Santana era uma prática bastante comum. A cerâmica era uma das mais significativas manifestações da cultura popular em Feira de Santana há algumas décadas atrás (DÓREA, 2004). Assim como em outras regiões da Bahia, o costume do uso das louças de barro⁷⁹ na culinária local bem como de *figuras* para presépios natalinos era bastante difundido e ainda pode ser encontrado.

Eu vou buscar o barro no barreiro (...) quando eu chego em casa, eu piso o barro. Depois de pisado, eu boto num canto de molho, ...toda hora eu molho. Eu pego o barro e pego uma pedra, machuco, machuco, machuco...amasso ele todo, tiro as pedras pra depois fazer a figura. (Crispina dos Santos em entrevista concedida a Juraci Dórea em 1990)

O consumo das louças era tão marcante na antiga feira livre até o fim da década de 1970⁸⁰, que nas segundas-feiras já havia um local reconhecido como *feira das panelas*, onde ficavam as louceiras da região.

A tradição dos presépios remonta aos tempos da colonização portuguesa e foi incorporada às práticas no Brasil a partir do século XVIII, pois antes os presépios eram confeccionados nos ambientes das Igrejas. Somente com o tempo, o costume alcançou o âmbito privado e

⁷⁷ Descrição fundamentada nas pesquisas e documentações do artista plástico e pesquisador Juraci Dórea.

⁷⁸ Nome de um antigo Engenho de Humildes. (SILVA, 2017)

⁷⁹ As louças de barro são utensílios para uso doméstico, como potes, panelas, porrões, pratos, frigideiras, tachos, cuscuzeiros, alguidares, caburés, fogareiros etc. (DÓREA, 2004)

⁸⁰ A Feira Livre no centro de Feira de Santana foi extinta em 1º de janeiro de 1977 e transferida para o Centro de Abastecimento.

popularizou-se. Atravessada pelos imaginários do sertão, de Feira de Santana, Crispina construiu diferentes figuras para serem incorporadas às lapinhas.

O vaqueiro e o boi, por exemplo, estão profundamente enraizados no passado pastoril do município. Lembram uma época em que, sob o olhar curioso da população, as boiadas atravessavam a cidade em direção ao Campo do Gado. As baianas remetem à Festa de Santana e, em particular, aos antigos desfiles da Lavagem da Igreja e da Levagem da Lenha. Os anjos, sempre pintados de branco ou de azul ultramar, evocam a indumentária das crianças na tradicional procissão de Senhora Santana. Há ainda o burrinho d'água, lembrança dos aguadeiros e do tempo em que Feira de Santana não contava ainda com água tratada. Finalmente, as cenas de trabalho são retratos contundentes do nosso cotidiano rural. (DÓREA, 2004)

As peças costumavam ser produzidas no período de setembro para que estivessem prontas em dezembro, momento em que a procura por figuras para presépios ou lapinhas estivesse grande. Crispina faleceu em 2014. Atualmente, mais de 60 obras da artista fazem parte do acervo permanente do Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Bumba Meu Boi da Comunidade Fulô e as carroças...

Me dá o que beber
Senão eu vou embora⁸¹

A *Festa do Bumba-Meu-Boi* é realizada pela Associação de Moradores e Produtores Rurais do Fulô e Adjacências (AMPRUFA) do distrito de Humildes na segunda semana de fevereiro⁸². O bumba-meu-boi é um folguedo brasileiro típico do nordeste brasileiro. Na Comunidade Fulô, o homem vestido de boi conduz a dança e o cortejo pelas ruas, embalados pelo som percussivo dos sambas de roda.

No século XVIII, o gado tinha grande importância simbólica e econômica e tinha como grandes criadores os colonizadores que faziam uso de mão de obra escrava. A manifestação já sofreu perseguição das elites nordestinas e também da polícia, pois era praticada por pessoas escravizadas. O *bumba meu boi* tem influências das culturas africana, europeia e indígena e a

⁸¹ Cantos de samba de roda durante o cortejo da festa Bumba Meu Boi.

⁸² Registro do festejo em 11 de fevereiro de 2018.

história que envolve a dança é de um casal de escravos, Pai Francisco e Mãe Catirina (ou Catarina). Grávida, Catirina começa a ter desejos por língua de boi. Para atender suas vontades, seu marido tem de matar o boi mais bonito de seu senhor. Percebendo a morte do animal, o dono da fazenda convoca curandeiros e pajés para ressuscitá-lo. Quando o boi volta à vida, toda a comunidade celebra⁸³.

Não existem registros sobre a presença histórica do folguedo na comunidade, no entanto, algumas manifestações culturais vêm sendo realizadas no distrito.

Na verdade isto é um resgate da cultura, das festas populares. E aqui sempre teve isso. Romildo Cerqueira [comunicador e ativista cultural] era um dos incentivadores. Quando eu vejo isso, me lembro logo dele... (José Ferreira Nery, liderança comunitária, 2018).

Na sede do distrito, por exemplo, há três anos⁸⁴ acontece o *Concurso das Carroças enfeitadas*, que também acontece no mês de fevereiro. O cortejo popular, chamado também de *lavagem* ou *feira das culturas*, concentra-se na Igreja de São Cristóvão e percorre as ruas da sede do distrito em direção à Igreja Matriz ao som de fanfarras e com as cores dos foliões fantasiados. Diferentes carroças de cavalos são caracterizadas pelos moradores com artigos e referências locais, como frutas, enfeites coloridos ou de trios elétricos e são nomeadas⁸⁵. As carroças são avaliadas pela criatividade.

Os festejos no distrito também remetem às festas de largo e cortejos comuns na década de 1980 em Feira de Santana que foram remontados pelo Centro Universitário de Cultura e Arte no ano de 2007 juntamente com grupos culturais populares (ESPERIDIÃO, 2018).

REFERÊNCIAS

CALDAS, Jacson Lopes. Badoque, muzuá, arataca: memórias e histórias no Museu Casa do Sertão em Feira de Santana-BA. Santo Antônio de Jesus. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, 2016.

⁸³ Fundação Palmares. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=40485>. Acesso em 10 de abril de 2020.

⁸⁴ Festival de Culturas de Humildes (primeiro ano: 2018). Disponível em : <http://www.pmfs.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Milhares%20participaram%20de%20festival%20da%20cultura%20em%20Humildes&id=8&link=secom/noticias.asp&idn=21416>. Acesso em 10 de março de 2020.

⁸⁵ Carroça das Proibidas, Carroça da Zozo, etc.

Disponível em : <http://docplayer.com.br/57814297-Jacson-lobes-caldas-badoque-muzua-arataca-memorias-e-historias-no-museu-casa-do-sertao-em-feira-de-santana-ba.html>. Acesso em 10 de abril de 2020.

DÓREA, Juraci. O presépio sertanejo de Crispina dos Santos. Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p. 101-114. Disponível em: http://leguaemeia.uefs.br/2/2_101-114presepio.pdf. Acesso em 10 de abril de 2020.

ESPERIDIÃO, Rhanna Rosa Alves. O Bando Anunciador: um estudo antropológico sobre o resgate de uma tradição em Feira de Santana, Bahia. UFBA:PPGA. 2018

LIMA, ÉRIKA J. C. J. ARTE POPULAR: UM RELATO DE EXPERIENCIA EM AREAS RURAIS. Disponível em: Educon, Aracaju, Volume 10, n. 01, p.1-7, set/2016 | Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8945/7/Arte_popular_um_retrato_de_experiencia_em_areas_rurais.pdf. Acesso em 10 de abril de 2020.

SILVA, Mayara Plascido 'Revolução Sem Sangue' Na 'Decantada Pátria De Lucas' - Experiências De Trabalhadores/As Negros/As E Migrantes No Pós-abolição. Feira De Santana (1890-1930) Mayara Plascido Silva. -- Salvador, 2017. Disponível em https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/7_-_revolucao_sem_sangue_na_decantada_patria_de_lucas_-_experiencias_de_trabalhadoresas_negros_as_e_migrantes_no_pos-abolicao._feira_de_santana._1890-1930.pdf. Acesso em 05 de abril de 2020.

LINKS

Blog de Humildes. <http://distritodehumildes-fsa.blogspot.com/p/breve-historico-antigo-de-humildes.html>

Grupo Teatral de Humildes. <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2017/05/feira-de-santana-grupo-cultural-teatral-de-humildes-agora-e-considerado-utilidade-publica/>

Lavagem de Humildes. <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2019/02/feira-de-santana-lavagem-do-distrito-de-humildes-ocorre-neste-domingo/>

Festa de Nossa Senhora dos Humildes. <http://distritodehumildes-fsa.blogspot.com/p/breve-historico-antigo-de-humildes.html>

Dona Maria Catarina, (rendeira de bilros) – indisponível

VÍDEOS

Cultura Popular da Feira - Crispina dos Santos, a criadora de anjos - https://www.youtube.com/watch?v=KhI0efxe_H0

Anjanil (1975) - <https://www.youtube.com/watch?v=cagyWww63uU>

Lavagem de Humildes (desfile de carroças) - <https://www.youtube.com/watch?v=LRpl4chfoc0> e <https://www.youtube.com/watch?v=Eji3QVb8IRg>

Álbum do grupo de samba de roda Cavaquinho de Ouro (Humildes) - <https://www.youtube.com/watch?v=dFzQFOcv8Iw>

Festa do Bumba Meu Boi (Comunidade Fulô) - <https://www.youtube.com/watch?v=pmiFUJlfr44>

Grupo Teatral de Humildes - <https://www.youtube.com/watch?v=xemE3QJEYn8>

DISTRITO DE TIQUARUÇU (São Vicente)

NORTE

SOBRE

Ainda no século XVII é fundada a vila de São Vicente, atual sede do distrito de Tiquaruçu. Em 1913 é criado o distrito de São Vicente e anexado ao município de Feira de Santana⁸⁶. Tiquaruçu é o nome de origem tupi que o distrito passa a ser chamado no ano de 1943⁸⁷.

Segundo consta nos registros históricos do município de Feira de Santana, Maria Quitéria nasceu nas imediações do distrito de São José e foi batizada na secular capela de São Vicente, onde consta uma placa informando o batismo da heroína no local.

Aos vinte e sete dias do mês de Julho de mil setecentos e noventa e oito, na Capela de S. Vicente, filial dessa Matriz de licença minha, o Reverendíssimo Manoel José de Jesus baptizou solemnemente e poz os Santos Oleos a Maria, Maria, filha legítima do Gonçalo Alvares [sic] de Almeida e de Quitéria Maria de Jesus. Foram padrinhos, Antonio Gonçalves de Barros e sua irmã Josefa Maria de Jesus, moradores na freguezia de Agoa Fria, nada mais desta do que tudo para constar fiz este assento que por verdade assino. O vigario Miguel Ribeiro de Lima. (REIS JÚNIOR, Pereira (1953). *Maria Quitéria*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. pp. 17–20).

Apesar de haver poucos estudos específicos sobre as origens e sobre o próprio distrito de São Vicente, trazer elementos da oralidade abrem possibilidades e provocações acerca da produção de outras narrativas e de sentidos para a localidade.

Existe um mito conhecido por muitos moradores antigos do distrito em torno de uma pedra conhecida como *pedra do judeu*, há cerca de 2 km da sede do distrito. Não existem indícios acerca da origem deste mito. Mas, se compreendermos o contexto de formação de Feira de Santana no

⁸⁶ Por lei estadual nº 978, de 26-07-1913, é criado o distrito de São Vicente e anexado ao município de Feira de Santana.

⁸⁷ Pelo decreto estadual nº 141, de 31-12-1943, o distrito de São Vicente passou a denominar-se Tiquaruçu, Bom Despacho a chamar-se Jaguará e o distrito de Itacuruçá tomou o nome de Bonfim da Feira.

século XVII, o preconceito bastante disseminado contra os judeus no período colonial⁸⁸, é possível que o aspecto mal-assombrado da pedra tenha origem no reforço de discursos preconceituosos em torno de pessoas de origem judaica, como o sesmeiro João Peixoto Viegas e sua família, que era sesmeiro nesta região⁸⁹.

Contam que corpos enterrados no cemitério local e que não se decompunham eram jogados próximos à pedra, com caixão e tudo, para que virassem pó sob sol e chuva.

Outros afirmam que antigamente uma estrada passava bem próxima à pedra e as pessoas ouviam os clamores das almas penadas. Saíam em disparada e não mais passavam pelo local.

Nem acredito nem descredito. Dizem que viram assombração na estrada, (agricultor Antônio Cerqueira de Souza, que trabalha numa fazenda vizinha da Pedra do Judeu.)

Não tive medo. O que vi lá foi uma vista bonita. (Carlos André, filho da moradora do distrito, Dona Miúda)⁹⁰.

Se de fato tem relação ou não, não é possível precisar. A pedra pode apenas ser indício da presença de pessoas e costumes judaicos na região. Nas culturas judaicas, as pedras são elementos muito importantes nas cerimônias fúnebres, pois significam que o ente querido foi lembrado e que suas memórias estão preservadas, assim como garantem que as almas permaneçam onde elas devem ficar. Mais do que tentar identificar origens, pensar o mito ou a reprodução de discursos pode nos reconectar com a nossa história, com os valores sociais de uma época, localizá-los no tempo e também abrir pontes para ressignificações e produção de outras narrativas.

⁸⁸ Vide capítulo Distrito de Maria Quitéria (São José).

⁸⁹ Pedra do Judeu: histórias de assombração e atração turística do distrito de Tiquareçu. Disponível em: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Pedra%20do%20Judeu:%20hist%C3%B3rias%20de%20assombra%C3%A7%C3%A3o%20e%20atra%C3%A7%C3%A3o%20tur%C3%ADstica%20do%20distrito%20de%20Tiquare%C3%A7u&id=9&link=secom/noticias.asp&idn=23232>. Acesso em 11 de março de 2020.

⁹⁰ Idem.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Ô de Casa, Ô de Fora... É dia de Santos Reis!

O dia de Santos Reis é comemorado no dia 06 de janeiro. Tradição do catolicismo popular, os *reisados*, *folia de reis* marcam a visita dos três reis magos ao menino Jesus.

Uma marca importante no reisado de Tiquaruçu é a presença do vaqueiro⁹¹. A figura mítica do vaqueiro anuncia e festeja a chegada do menino Jesus junto aos três reis magos. Se cada rei realiza sua oferenda, podemos atualizá-la na manifestação cultural de Tiquaruçu assim: o ouro representa a realeza; o incenso, a divindade; a mirra, imortalidade⁹²... e o couro, a resistência.

Os Festejos de Santos Reis no distrito de Tiquaruçu acontecem no fim de semana inteiro. No entanto, os costumes de visita de casa em casa pelos cantadores de reis não é mais uma prática comum no distrito. Tiquaruçu é um distrito de Feira de Santana que ainda guarda uma arquitetura rural específica em muitas de suas casas⁹³. A Organização Cultural e Artística Reisado de São Vicente (ORCARE), fundada em 2003, era um ponto de cultura de Tiquaruçu que cumpria uma função importante no distrito, de memória, formação e difusão do *reisado* e de outras manifestações culturais existentes na região, como a *bata do feijão*⁹⁴. No entanto, o casarão onde funcionava a sede, construído em 1930, está com a estrutura bastante comprometida, com riscos de desabamento, o que inviabiliza as atividades que aconteciam no local.

⁹¹ A Comunidade de Socorro, no distrito de Tiquaruçu, realiza a Festa do Vaqueiro, através da cavalgada da comunidade até a sede do distrito. Disponível em: <http://www.jornalgrandebahia.com.br/2018/11/feira-de-santana-festa-do-vaqueiro-tem-tradicao-revitalizada-no-socorro-distrito-de-tiquarucu/>. Acesso em 12 de março de 2020.

⁹² Simbologias dos presentes ofertados aos reis magos ao menino Jesus. Disponível em:

⁹³ Feira de Santana: Tiquaruçu e suas casas antigas com paredes carregadas de história. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2019/01/feira-de-santana-tiquarucu-e-suas-casas-antigas-com-paredes-carregadas-de-historia/>. Acesso em 11 de março de 2020.

⁹⁴ Vide *bata do Feijão* no capítulo Distrito da Matinha.

O reisado de São Vicente é um dos mais conhecidos da cidade de Feira de Santana, muito através do artista Asa Filho⁹⁵, criador da ORCARE. Há registros de mais de duzentos anos de existência da tradição da folia de reis no distrito.

O Reisado possui hoje características de festa de largo, com palcos e shows nas imediações do Mercado Municipal. Costuma iniciar com a missa na capela de São Vicente e com um pequeno cortejo. Este cortejo atualmente acontece somente nos espaços públicos e transita pelas ruas do Ferreira, de Maria Quitéria e pela Praça São Vicente. As figuras que orientam o cortejo e abrem os festejos são os três reis magos e o vaqueiro, todos devidamente caracterizados e o *grupo cultural Reisado de Tiquaruçu*. Este grupo reúne, pelo menos, três senhores mais velhos com suas vozes em coro e seus respectivos pandeiros e estes conectam a memória de um *reisado idealizado que existiu em outro formato* juntamente com outros cantores e cantoras mais jovens que assumem os vocais do grupo⁹⁶. O samba de roda sambado pelas mulheres compõe a performance⁹⁷. *Hooooje é dia de santos reis...* é cantado em ritmo de samba e axé para abrir e fechar a apresentação do grupo cultural⁹⁸.

⁹⁵ Feirense, nascido em 12 de julho de 1954, sob o signo de câncer, no Distrito de Tiquaruçu, Augusto de Souza Araújo Filho, também é conhecido em Tiquaruçu como "Agustinho de Ziza". Mas, é artisticamente apenas Asa Filho. Dono do espaço cultural Cidade da Cultura, é poeta, músico e gravou o CD "Apologia nº 1 Reisado de São Vicente" em 2003. Disponível em: <http://www.vivafeira.com.br/perfil.php?id=23>. Acesso em 11 de março de 2020.

⁹⁶ Carlos Lima (vocalista principal do grupo de Reisado de Tiquaruçu)

⁹⁷ Na festa de Reis de Tiquaruçu em 2020, o momento mais simbólico foi o encontro entre o jovem Reisado Estrela de Belém e o Reisado de São Vicente. Vitor Batista, pesquisador e um dos representantes do Reisado Estrela de Belém, existente há 11 anos na sede de Feira e que acontece em diferentes bairros de Feira, principalmente no bairro Eucalipto e que sai de casa em casa em cortejo. Estavam presentes umas 15 pessoas, entre senhoras e jovens, caracterizadas com chapéus enfeitados de espelhos, fitas e matos coloridos natalinos e com a blusa gravada com o nome do Reisado e o estandarte.

⁹⁸ "Nos dias de hoje, os integrantes do grupo avaliam que a festa foi descaracterizada. De acordo com um dos entrevistados, "virou mais uma festa de largo do que propriamente um reisado". Com grande atração de público, a festa acabou se tornando outro evento de massa." (Diagnóstico Cultural de Feira de Santana-BA, 2016)

Os bonsais de Tiquaruçu...

Um recente estudo realizado por pesquisadores da Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana (IEPS-UEFS)⁹⁹ identificou uma tecnologia social realizada por um grupo de agricultores familiares que vive a 20 anos na Chácara Olhos Verdes em Tiquaruçu. Através da técnica milenar japonesa¹⁰⁰, o bonsai, eles cultivam as miniaturas de plantas nativas da Caatinga.

Após uma exposição realizada através da associação, da qual os agricultores faziam parte, descobriram a técnica do bonsai e passaram a praticar a arte a partir da própria experiência e das características regionais da caatinga, existentes no distrito de Tiquaruçu. A partir do desenvolvimento local, a família tem aprimorado o cultivo bem como o ensino dos métodos como forma de disseminar a prática.

Apenas a forma de cultivo do bonsai de Tiquaruçu já se configura como uma tecnologia social (TS), diálogo entre saberes populares e científicos, visto que a arte possui origem oriental e não se imaginava a possibilidade de reprodução com plantas da caatinga. Na medida em que estes agricultores adaptam ou criam métodos para reproduzir a arte no clima semiárido, utilizando suas plantas com sistema de raízes adaptado, de caules e folhas que conseguem controlar a evapotranspiração para não perder água, isso valoriza ainda mais o bonsai da caatinga. (MOURA, 2018)

⁹⁹ Disponível em: <http://incubadorauefs.blogspot.com/2015/08/a-arte-do-bonsai-em-feira-de-santana.html>. Acesso em 10 de março de 2020.

¹⁰⁰ Bonsai em japonês significa "árvore em bandeja" e é uma arte que nasceu no Oriente há mais de 3 mil anos. É o que explica Eduardo Henrique Pimentel, agricultor que desenvolve, o cultivo de inúmeras espécies de bonsais no Distrito de Tiquaruçu.

REFERÊNCIAS

MOURA, L. S.; TELES, A. O.; LIMA, J. R. O. O Distrito de Tiquaruçu como referência no uso da tecnologia social para a produção de bonsai. In: II Congresso de Pesquisadores de Economia Solidária, 2018, São Carlos. Anais do II CONPES, 2018. Disponível em http://www.conpes.ufscar.br/wp-content/uploads/trabalhos/iiconpes/gt10/moura_lucivaniadasilva_teles_alessandraoliveira_lima_joseraimundo_oliveira.pdf. Acesso em 10 de março de 2020.

SILVA, Mayara Plascido. 'Revolução Sem Sangue' Na 'Decantada Pátria De Lucas' - Experiências de Trabalhadores/as Negros/as e Migrantes no Pós Abolição. Feira De Santana (1890-1930), Salvador, 2017.

LINKS

Orcare (Organização Cultural e Artística Reisado de São Vicente) - <https://orcare.wixsite.com/orcare>

Bata do Feijão (Museu Virtual) - https://www.youtube.com/watch?v=wQFwXwYS8_o

Biblioteca IBGE (Feira de Santana) - <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/feiradesantana.pdf>

Conheça a tradição da bata do feijão em Tiquaruçu - <http://g1.globo.com/bahia/jornal-da-manha/videos/v/conheca-a-tradicao-da-bata-do-feijao-na-cidade-de-feira-de-santana/2844020/>

Álbum Apologia nº 1 Reisado de São Vicente, Asa Filho e Reisado de São Vicente (2003) – link não disponível.

Álbum do Reisado Zabelê (PB) - <https://www.youtube.com/watch?v=xs1ViHhdCc>

A estrela oculta do sertão (documentário) - <https://www.youtube.com/watch?v=gM53ECPiMkg>

Diagnóstico cultural de Feira de Santana – BA, Galpão Cine Horto. BH, 2016 -

<http://galpaocinehorto.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Diagno%CC%81stico-Cultural-de-Feira-de-Santana-documento-final.pdf>

VÍDEOS

A Tradição Centenária do Reisado de Tiquaruçu - <https://www.youtube.com/watch?v=AB2yNQ04uDA&t=395s>

TIQUARUÇU (Ô de Casa, Ô de Fora) - <https://vimeo.com/34682031>

Ô de Casa, Ô de Fora - <https://www.youtube.com/watch?v=suMSBeScA7M>

Reisado Tradição - <https://www.youtube.com/watch?v=nZOhyu8cdIs>

A Ópera Negra no Portal do Sertão - <https://www.youtube.com/watch?v=oMpAjmOmozU>

A arte do Bonsai em Feira de Santana - <https://youtu.be/-1QXH0ytUEw>

DISTRITO DE IPUAÇU (Governador João Durval Carneiro)

OESTE

SOBRE

Remédio da Gameleira, Ipuacu, Governador João Durval Carneiro. Três nomes deste mesmo distrito. Em 1938, Remédio da Gameleira passa a se chamar Ipuacu. Em 1983, é mais uma vez renomeado, agora Governador Dr. João Durval Carneiro.

A gameleira era uma árvore bastante comum nas margens dos rios que atravessam o distrito. As folhas e o látex desta árvore são utilizados pela medicina popular como vermífugo. Em religiões de matriz africana, é uma planta sagrada, Irókò¹⁰¹, é o Orixá Tempo. A madeira da gameleira é utilizada na confecção de gamelas (vasilhas) e canoas artesanais e a sua morte ou derrubada é sinônimo de maus presságios. Já o termo "ipuaçu" tem origem tupi guarani e significa "lajeado grande", "fonte grande". Governador João Durval Carneiro é o atual nome da localidade e homenageia o político e antigo prefeito da cidade de Feira de Santana¹⁰², nascido no distrito¹⁰³.

¹⁰¹ Nas religiões afro-brasileiras, a gameleira é Irókò na nação Ketu e Orixá Tempo na nação Angola. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9OWzwP7zX1M>. Acesso em 10 de março de 2020.

¹⁰² Político nascido em Feira de Santana e odontólogo de formação, teve uma longa trajetória política com amplitude nacional biografada pelo autor Luiz Almeida (2015). Em Feira de Santana, foi prefeito de 1967 a 1971 e novamente em 1993 até 1994, quando decide renunciar para disputar mais uma vez o governo do estado da Bahia. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-durval-carneiro>. Acesso em 16 de março de 2020.

¹⁰³ "(...)aquele menino de Ipuacu, que aos 10 anos de idade, trabalhara etiquetando os fardos de fumo do armazém do pai, na rua de Aurora..."(ALMEIDA, Luiz. João Durval- um construtor de caminhos, Ed. Shekinah, 2015)

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

As festas e o ofício de vaqueiro...

Em pelo menos cinco distritos de Feira de Santana ocorrem festas do vaqueiro. Com suas especificidades, os festejos rememoram o ofício de vaqueiro e as diferentes manifestações culturais que envolvem as diferentes expressões das culturas sertanejas e que são muito presentes no imaginário coletivo da cidade. Em Ipuacu¹⁰⁴, a Festa do Vaqueiro costuma acontecer entre o terceiro e o quarto fim de semana do mês de maio. Há vinte anos¹⁰⁵ os festejos acontecem no distrito e são considerados um dos mais tradicionais.

No primeiro dia, geralmente no início da noite, as pessoas concentram-se na casa de Seu Domingos, o vaqueiro, em atividade, mais antigo do distrito de Ipuacu. *Desde o início de tudo, a procissão começa lá em casa*¹⁰⁶. A procissão segue com a imagem de Nossa Senhora Aparecida¹⁰⁷, protetora dos vaqueiros e do povo sertanejo, em direção à Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, onde missa do vaqueiro é celebrada. As noites da sexta e do sábado costumam ter shows. No domingo, pela manhã, os vaqueiros, devidamente paramentados com suas vestimentas de couro, montam em seus cavalos e concentram-se numa localidade¹⁰⁸. As princesas e rainhas compõem a comissão de frente. Após a concentração, o cortejo segue cavalcando até o ponto de encontro na sede do distrito. Entre aboios e cantorias, a celebração continua durante o dia¹⁰⁹.

¹⁰⁴ Para a fluidez da leitura e devido ao uso comum da nomenclatura Ipuacu, utilizo-me dela nestes escritos para identificar o distrito.

¹⁰⁵ Em 2019 houve a vigésima edição da festa.

¹⁰⁶ Seu Domingos da Cruz tem 82 anos e é vaqueiro há 65 anos.

¹⁰⁷ É também padroeira do distrito de Ipuacu.

¹⁰⁸ Em 2019, a saída foi da localidade da Pedra da Canoa (Bar do Bim). Não há registros de que a festa tenha acontecido no ano de 2020 devido à pandemia de covid-19 e as medidas necessárias de isolamento, que interferiram diretamente nas dinâmicas das culturas populares neste ano.

¹⁰⁹ E mais uma vez acontecem shows de artistas locais e da região acontecem. Disponível em <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=A%20XX%20Festa%20do%20Vaqueiro%20de%20Ipuacu%20C3%A7u%20acontece%20de%20sexta%20a%20domingo&id=8&link=secom/noticias.asp&idn=22249>. Acesso em 15 de março de 2020.

A Bahia é o estado que possui o maior território sertanejo da região e a figura do vaqueiro está entre um dos mais representativos símbolos do sertão nordestino. As marcas da oralidade, as vestimentas de couro e metal são referências da identificação do ofício do vaqueiro.

Quem não participa desse cotidiano, por vezes, depara-se com termos praticamente desconhecidos como: gibão, guarda-peito, perneira, ferrão e chapéu com barbela e jaleco (ou “jaleque”), que sintetizam e simbolizam o ofício de vaqueiro. Não se pode perder de vista que o conjunto cavalo com seus arreios, o vaqueiro vestido com seu traje de trabalho e empunhando um ferrão – e, muitas vezes, em companhia de um pequeno cachorro – constitui, na história, o conjunto de maior referencial simbólico da cultura sertaneja¹¹⁰.

A cidade de Feira de Santana possui um importante museu de referência para os estudos sobre as culturas sertanejas na Bahia, o Museu Casa do Sertão, que está situado na Universidade Estadual de Feira de Santana. Enquanto marco simbólico, cabe destacar que o ofício de vaqueiro foi reconhecido como patrimônio imaterial da Bahia no dia 09 de agosto de 2011, o que institui normas de proteção e preservação deste bem cultural que tanto contribui para a diversificação da cultura baiana e brasileira.

O vaqueiro é um guerreiro que respeita o animal e também um zelador do rebanho. Deslocar a boiada de um local para outro, buscar novos pastos, desbravar a vegetação própria da caatinga, sobre as matas, agrestes, cerrados, chapadas e planaltos, ocupar os interiores do sertão imbricado nas contradições do período colonial, foram desafios do vaqueiro no Brasil.

O vaqueiro é um guerreiro que respeita o animal, ao qual, às vezes, é conferida uma “alma” ou “espírito”, ou uma natureza humana. Porém, na “luta”, existe uma ética onde o animal não pode ser maltratado fora do ambiente da disputa (homem versus animal). E, sempre após as lutas, é comum e obrigatório o vaqueiro cuidar dos ferimentos do animal para que ele se recupere¹¹¹.

É considerada uma das ocupações mais antigas do Brasil pós-invasão portuguesa (1550). Segundo Queiroz (2013), a figura do vaqueiro modificou profundamente os costumes do nordeste brasileiro e de parte do estado de Minas Gerais, instituindo a chamada “civilização dos currais” ou “civilização dos couros” ou, ainda, “civilização do pastoreio”. Através das tecnologias sociais de

¹¹⁰ BAHIA. IPAC, 2013.

¹¹¹ Washington Queiroz (2013), Cadernos do IPAC.

manejo do gado, da culinária e das vestimentas próprias para interiorização de um país, criou e modificou formas de viver e de se expressar nos sertões. Os sons do aboio, os lamentos do gado e a musicalidade que identifica e também se refaz nos processos de trocas culturais e de passagem do tempo, não engessa, mas constitui toda uma identificação cultural de uma região¹¹².

Próximo a Feira de Santana, no distrito de Pedrão (Irará), foi fundada uma associação de vaqueiros no ano de 2008, chamada de Encourados de Pedrão. O grupo é composto por 56 homens conta as histórias do grupo de vaqueiros que lutaram durante o movimento de Independência da Bahia, proclamada em 02 de julho de 1823¹¹³.

Remédio do tempo, remédio dos olhos: Da Gameleira (a) o santuário de Santa Luzia...

Os mais antigos da comunidade afirmam que a construção da Igreja aconteceu depois da aparição da imagem de Santa Luzia no rio Jacuípe. O Santuário de Santa Luzia foi fundado em 2 de julho de 1656. A Igreja possui mais de três séculos de existência e em torno dela existem cinco casas.

Num lugar mais elevado e com um caminho de estrada de chão, o cenário da caatinga ambienta a chegada de romeiros e visitantes à Igrejinha de Santa Luzia no dia 13 de dezembro, dia da santa conhecida por proteger a visão. Composta por três altares, desde a sua formação original, a Igreja possui no altar central a imagem de Santa Luzia, acompanhada de São José e São Caetano e nos outros dois, São Roque e Nossa Senhora da Guia. Na sala de promessas, existem fotografias penduradas, mensagens de agradecimento, promessas, fotos de outros santos e fotos de olhos. A sala foi criada em 2003 pelo padre Rosivaldo, que atraiu cada vez mais pessoas para o local, onde também é comemorado o dia de São Roque no mês de agosto.

¹¹² Idem.

¹¹³ Irará é um município da Área de Expansão Metropolitana de Feira de Santana. Disponível em <http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?documento=documento-os-encourados-de-pedrao-notas-e-documentos-de-aristeu-nogueira>. Acesso em 10 de abril de 2020.

Edenilde Cunha, moradora do distrito e responsável pelos cuidados com o santuário, organiza leilões, quermesses, arrecada fundos para a manutenção da Igreja, que, mesmo sendo secular, não possui uma política de salvaguarda e manutenção¹¹⁴.

As missas no Santuário são celebradas para a comunidade sempre no segundo domingo do mês, às 16h. A igreja pertencente à Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, situada na sede do distrito de Ipuacu.

Mestra Marilene Brito, bonequeira e ativista cultural trançando os sertões...

*Eu aprendi a ler e escrever, depois voltei ensinando às minhas irmãs...*¹¹⁵

Nascida no distrito de Ipuacu¹¹⁶ em 09 de maio de 1958, Mestra Marilene Brito é professora, artista plástica e sempre fala com muito orgulho das suas *bonecas ecológicas* e do fato de alfabetizar jovens e adultos da região e de incentivar os artistas locais. A criatividade desde a infância na construção do brincar e do brinquedo formaram-na como grande artista plástica e bonequeira de Feira de Santana.

Marilene Brito iniciou-se nas artes a partir da observação dos trabalhos de artesão do pai, que costumava utilizar madeira, corda e cipó. A partir das *visões*, como ela mesma diz, e das imagens do sertão, desenvolveu a *arte do trançado* para construir suas peças, pequenas esculturas de pessoas e cotidianos de Feira de Santana. Batas de feijão¹¹⁷, casas de taipa, casas de farinha, carroças, retirantes, pescadores, leiteiros são representados nos trançados da artista plástica. A

¹¹⁴ A moradora diz que o fato de não haver tombamento na Igreja, não é possível garantir que as características da Igreja sejam preservadas. Recentemente, houve uma alteração no piso, que era de argila e foi substituído por cerâmica. As portas e fechaduras permanecem as originais. (idem)

¹¹⁵ Entrevista concedida por Marilene Brito em Documentário sobre as Bonecas Terapeutas produzido pela TV Olhos D'água (2014).

¹¹⁶ Residente na Vila São José, Fazenda Tamburi – Ipuacu (Samba de Roda, 2007)

¹¹⁷ Vide capítulo distrito da Matinha.

trajetória de educadora e agente cultural fez com que ela estimulasse a retomada de algumas manifestações culturais no seu distrito, como o samba de roda e cantos populares de trabalho¹¹⁸.

Cultive o que os pais de vocês faziam. Vocês sabem que o trabalho na roça é um trabalho muito pesado. Mas o homem do campo faz este trabalho (...) é cantando. Junta um grupo de amigos...é cantando. Seja reisado¹¹⁹, seja coco, seja samba de roda...tudo aquilo é feito com estes cantos populares. Lavando roupa, pescando. (Marilene Brito, 2015)

Além da arte do trançado para esculpir peças que retratam o cotidiano sertanejo e do grupo de samba, Marilene Brito constrói bonecas há mais de cinquenta anos. O desejo de brincar e a infância pobre fez com que a artista inventasse os seus próprios brinquedos. *Mais tarde*, tornou-se babá e a arrumadeira e neste trabalho ela fazia os brinquedos para as crianças brincarem. *Mais tarde*, forma-se como professora. *Eu queria ser professora para continuar o meu trabalho na comunidade*¹²⁰.

As conhecidas bonecas terapêuticas e ecológicas são costuradas com malhas coloridas e preenchidas com garrafas ou sacos plásticos, o que torna a boneca articulada. Elas são feitas em diferentes tamanhos, podendo chegar até 1,70m de altura. Marilene Brito transforma o lixo em bonecas. Com isto, além de falar sobre a importância da relação das pessoas com o mundo, ela insere a discussão sobre representatividades diversas a partir da construção dos corpos e do vestuário de suas bonecas, entre elas, negras (chamadas de Dalilas), camponesas, indígenas, deficientes, brancas. *Pra falar desta mistura, desta miscigenação do povo brasileiro, teria que ser a partir da história [de colonização] do Brasil*¹²¹. O poder terapêutico das bonecas está latente na possibilidade de construção de identificações e memórias para quem interage com elas. *Cada boneca tem um nome*.

¹¹⁸ Atualmente, Marilene tem se dedicado mais às suas atividades de artista plástica, pois a articulação de diferentes pessoas, tocadores de localidades diferentes de Feira de Santana, tornou inviável a manutenção do grupo cultural. Além disso, a artista relata que neste ano de 2020 está produzindo máscaras de pano para o período da pandemia. (Entrevista virtual com Marilene em 2020)

¹¹⁹ A Festa de Reis da Comunidade de Santa Rosa no distrito de Ipuacu consta em Lei Municipal, mas não há nenhum outro registro que forneça mais elementos sobre a festa no local.

¹²⁰ Marilene é também escritora e deseja publicar livros sobre sua trajetória enquanto professora e artista. "Mais tarde" está destacado como marca da oralidade da Mestra em entrevista concedida.

¹²¹ Entrevista no vídeo "Diversidade Cultural" em 2015.

Assim como a gameleira ou o *irókò*, Marilene é ponte dos espíritos infantis e raiz que se localiza em sua comunidade de origem, o distrito de Ipuacu. Marilene Brito é mestra viva¹²².

REFERÊNCIAS

BAHIA. Secretaria de Cultura. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia Ofício de vaqueiro / Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013.

QUEIRÓZ, Washington. Bahia e vaqueiros: um débito. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

SOUZA, Maria Aparecida Silva de. Ocupação e povoamento: bandeirantes sertanistas. In.: A conquista do sertão da ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2001.

LINKS

Festa do Vaqueiro: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2016/05/feira-de-santana-distrito-de-ipuacu-comemora-xvii-festa-do-vaqueiro/>

Igreja de Santa Luzia - <http://bahiaja.com.br/cultura/noticia/2019/07/28/feira-santuاريو-de-santa-luzia-simbolo-de-fe-e-devocao-renata-leite,120665,0.html>

Irókò (gameleira) - <https://www.youtube.com/watch?v=r0zNBui21d8>

Ofício dos Vaqueiros (IPAC) - http://www.ipac.ba.gov.br/wp-content/uploads/2013/08/livro_of%C3%ADcio_de_vaqueiros.pdf

VÍDEOS

Samba de Roda (Marilene Brito) - <https://www.youtube.com/watch?v=RFztrc6ACsQ>

Diversidade Cultural, Marilene Brito - https://www.youtube.com/watch?v=3ILC_cTiyEU

Exposição Virtual: O sertão pelas mãos de Marilene Brito - https://www.youtube.com/watch?v=v0bH-Mb_sAI

Documentário Bonecas Terapêuticas - <https://www.youtube.com/watch?v=UCcCRq3MdJA>

Documentário Samba de Roda (2007) - https://www.youtube.com/watch?v=E46cm_LULwU&t=14s

Documentário Um dia de Vaqueiro (distrito de Pedrão, Irará/Bahia) - <https://www.youtube.com/watch?v=mu3MO6avJGY>

¹²² Recebeu o troféu Zeferina no ano de 2007. O prêmio é de reconhecimento de mulheres negras e indígenas na luta pela melhoria de suas comunidades.

DISTRITO DE JAÍBA

LESTE

SOBRE

Jahyba – Jaíba é um vocábulo tupi guarani que significa água salobra ou ainda pode significar “rio sujo” ou “rio bravo”. Jaíba é um dos distritos mais próximos do centro de Feira de Santana e está ao lado do distrito da Matinha. A origem do distrito remonta ao povoamento dos arredores de uma fazenda chamada Fortaleza, no século início do século XX, cujo dono se chamava Martiniano Freire.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

O povoado e a Igreja de São Roque de Jaíba...

O povoado de São Roque de Jaíba abriga a Igreja de São Roque, construída no século XIX. A Igreja não é tombada e encontra-se em um terreno de expansão imobiliária¹²³. Apesar dos poucos registros sobre a história da comunidade, antigos moradores contam que o povoado desenvolveu-se numa fazenda e as casas do entorno da Igreja fazem parte deste passado colonial de escravidão. A igreja teria sido erguida pelos antepassados das pessoas que ainda residem no local¹²⁴.

A Igrejinha branca possui paredes de adobe, portas e janelas pintadas de azul e uma imagem de São Roque vinda de Portugal¹²⁵. A Imagem costumava ser levada para a procissão de

¹²³ Próximo ao povoado um condomínio de luxo foi construído.

¹²⁴ Em 2014, o proprietário da fazenda, João Lopes, possuía mais de cem anos. Em 2014, ele residia com um dos filhos na cidade de Muritiba. Disponível em: <https://blogdafeira.com.br/home/2014/04/20/igreja-de-sao-roque-e-do-seculo-19-e-esta-dentro-de-uma-fazenda/>. Acesso em 05 de abril de 2020.

¹²⁵ Idem.

Nossa Senhora Santana, no centro de Feira de Santana, no entanto, os moradores dizem que o santo original está guardado em um lugar seguro e somente uma réplica está exposta na Igreja.

Disputar as memórias dos espaços públicos, do território é necessário para que o povoado, sua história e a Igreja não sejam apagados e destruídos nestes movimentos de expansão de condomínios fechados¹²⁶.

Em 2017, em uma espécie de diálogo patrimonial, a Filarmônica 25 de Março¹²⁷, a banda mais antiga do estado da Bahia em atividade, patrimônio cultural de Feira de Santana, participou da procissão de São Roque realizada no povoado com cânticos religiosos, marchas e dobrados¹²⁸ durante o cortejo. A presença das filarmônicas nos cortejos dos santos padroeiros era um costume da cidade e retoma a força no ano de 2016 (NEVES JUNIOR, 2018). A participação da filarmônica nos cortejos em diferentes localidades convoca a comunidade feirense à conexão com os diferentes aspectos culturais e simbólicos da cidade. O dia de São Roque é 16 de agosto.

O Forró Jegue passou por aí?

No tradicional *Forró Jegue* de Jaíba, os moradores se organizam com camisas e saem em cortejo conduzido, na comissão de frente, por uma carroça de jegue que dá nome ao festejo e ao som de forrós tradicionais. Apesar da tendência de uniformização a partir das camisas, os festejos remontam a uma prática comum nos forrós de casa ou nas dinâmicas dos festejos de reis nas zonas rurais.

Há quinze anos¹²⁹, a festa resgata a memória dos forrós de casa em casa quando um grupo de pessoas se juntava para circular pela comunidade, levando as cantorias e convocando as pessoas para se juntarem à folia. Apesar da atual utilização de som mecânico e não da participação

¹²⁶ A cidade de Feira de Santana se desenvolve sob um discurso oficial de “progresso”, o que, muitas vezes, significa a não valorização dos aspectos simbólicos e históricos que constituem a cidade. Existem poucas políticas públicas de valorização do patrimônio material e imaterial.

¹²⁷ NEVES JUNIOR, 2018.

¹²⁸ Ritmo característico executado por filarmônicas.

¹²⁹ Há registro da décima terceira edição da festa no ano de 2017.

de tocadores, o cortejo costuma ser embalado por forrós tradicionais e recebido pelos anfitriões com comidas e bebidas típicas do período junino, como licores e amendoim cozido. Entre carros e motos, até pela pista o cortejo transita e segue por chácaras do distrito. Este é o único festejo junino constante nesta pesquisa, pois possui registro específico no calendário oficial do município de Feira de Santana desde 2007 e costuma acontecer no dia 24 de junho¹³⁰.

Da Mantiba, a capoeira de angola de Mestre Cláudio disputa o sertão...

Eu aprendi capoeira na rua, nas festas de largo da cidade.

(Mestre Cláudio, 2015)

A comunidade da Mantiba está a 12 km do centro da cidade e pertenceu inicialmente ao distrito de Humildes (1938-1985)¹³¹. Com a anexação do distrito de Jaíba - que antes era um povoado - ao município de Feira de Santana no ano de 1953, a Mantiba passou a estar vinculada ao distrito de Jaíba¹³². Atualmente, pertence ao distrito sede de Feira de Santana e é considerado um bairro da cidade desde 2013¹³³.

Partindo desta perspectiva de fronteira conflituosa entre campo e cidade (SOUZA, 2016), incluo o Mestre Cláudio e a capoeira de angola dos Angoleiros do Sertão no espectro das manifestações culturais presentes nos distritos de Feira de Santana.

Mestre Cláudio nasceu em 1967 na região de Lagoa das Pedras, onde está situada a Mantiba, local onde está a sua *roça* e a sede do seu grupo de capoeira. A relação com a capoeira

¹³⁰ Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/f/feira-de-santana/lei-ordinaria/2012/334/3336/lei-ordinaria-n-3336-2012-dispoe-sobre-o-calendario-oficial-de-festas-populares-ou-de-eventos-do-municipio-de-feira-de-santana-e-da-outras-providencias>. Acesso em 19 de abril de 2020.

¹³¹ Decreto Municipal nº 14 de 1938. (SOUZA, 2016)

¹³² Lei Estadual nº 628 de 1953. (idem)

¹³³ O autor Diego Souza (2016) analisa em seu trabalho o avanço da especulação imobiliária e as fronteiras estreitas entre espaço urbano e rural na cidade de Feira de Santana, problematiza o próprio processo com a Mantiba e com outros povoados da cidade. "Assim, o poder executivo municipal, percebendo a estratégia dos empresários do setor imobiliário, e visando aumentar a arrecadação do IPTU, iniciou a elaboração do projeto de lei, que transformava os espaços rurais em urbanos, em Feira de Santana. E em apenas seis meses, o projeto de lei que delimitou seis novos bairros foi criado e encaminhado à câmara municipal que, em caráter de urgência, o aprovou em oito minutos."

não surge a partir de uma escola, ou de um mestre específico na trajetória dele, mas por diferentes referências e experiências desde muito jovem. Ele relata caminhos que passam tanto pela memória do tio Domingo jogando capoeira, do tio Roque fazendo berimbau de cipó, das rodas de capoeira que via quando ia acompanhar a mãe na venda de acarajé na feira livre, quanto pelas presenças marcantes de capoeiristas como Negão de Jorgina, Nego Bó, Mestre De Mola. Das vivências da rua na juventude, encontrou Gago, Bigode, Zé Domingos, Roque Rio e o Mestre Muritiba¹³⁴.

Ele tinha este espaço, que era o espaço do terreiro de candomblé que ele treinava a capoeira e tinham mais duas pessoas que iam treinar com ele. Eu, sabendo disso, passo a ser aluno dele. Os dias de sábado tinham roda de capoeira na rua. E aí o finado mestre Muritiba, o herói das pessoas, fazia esta roda em Feira de Santana. Feira de Santana recebia bastante turista. (...) o Mestre Muritiba era guarda civil da prefeitura e o prefeito tira ele deste serviço dele, e passa a exercer a função de mestre de capoeira pra receber o turista, tocando berimbau no Mercado de Arte(...), fazendo o samba da mulinha, fazendo o samba de roda, fazendo maculelê. Ele morreu, Negão de Jorgina passa a fazer estas rodas. (Mestre Cláudio, 2015)

Na década de 1980, Mestre Cláudio, depois de passar um tempo trabalhando e treinando capoeira em Salvador, volta para Feira de Santana e passa a ensinar capoeira na cidade. Do canto à ginga, ele cria. *A capoeira é várias coisas. Ela é o que é pra você. Não existe um sentido único do que é a capoeira.* (Mestre Cláudio, 2015)

As ladainhas¹³⁵, assim como os instrumentos, são produzidas pelo próprio mestre. Fazer-se na capoeira e fazer a capoeira foram necessidades, tanto do ponto de vista da entrada no “mercado da capoeira”, quanto no sentido da construção si, da subjetividade, do olhar para o mundo. Neste sentido é que as vivências das manifestações culturais do sertão, de Feira de Santana, presentes na memória de Mestre Cláudio constroem o que é a capoeira de angola do sertão.

A tradição da roda de capoeira no meio da rua, seguida do samba rural permanece. No final das manhãs de todos os sábados do ano, o espaço da antiga feira livre, no centro de Feira de

¹³⁴ FERREIRA, 2018.

¹³⁵ Cantos de iniciação da roda de capoeira. Em geral, como um lamento, ou uma reza, um aboio. As ladainhas podem contar histórias, propor desafios, ser agradecimentos. O canto é “puxado” pelo mestre e respondido em coro pelos demais presentes. (FERREIRA, 2018)

Santana, é ocupado pela capoeira de angola e pelo samba rural das trabalhadoras e dos trabalhadores. Ocupar de sentidos o espaço público com memórias, vozes e corpos faz parte do processo de construção e resistência da capoeira na cidade de Feira de Santana. É político. É a feira livre presente.

Mestre Cláudio organiza há seis anos o Encontro dos Angoleiros do Sertão em sua *roça*¹³⁶, localizada na Mantiba. Os Encontros que, em geral, acontecem no segundo final de semana de janeiro, reúnem praticantes da capoeira de Angola de diferentes lugares do Brasil e também estrangeiros, momento em que acontecem oficinas, trocas e vivências com mestres da capoeira de angola e atividade culturais de valorização das manifestações culturais locais, como o samba rural¹³⁷, o rei roubado, o quebra-pote, o forró de candeeiro e a saída do boi com samba de roda.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Wodis Kleber Oliveira. A relação campo-cidade no município de Feira de Santana – BA: renda da terra, campesinato e ruralidades. 2015. 335 f. Tese (Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/WODIS_KLEBER_OLIVEIRA_ARAUJO%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/WODIS_KLEBER_OLIVEIRA_ARAUJO%20(1).pdf). Acesso em 09 d abril de 2020.

FERREIRA, N.R. "Sou eu angoleiro que vem do Sertão": etnobiografia de uma linhagem da capoeira angola. Anais do Encontro de História Oral. Unicamp, 2018. Disponível em: http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524246825_ARQUIVO_Unicamp.pdf. Acesso em 01 de abril de 2020.

NEVES JUNIOR, A. C. B. Sociedade Filarmônica 25 de Março: a prática do mestre de banda na reedificação de uma instituição sesquicentenária. Programa de Pós-Graduação Profissional em Música[TCF]: UFBA, 2018.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. "Adeptos da mandinga": candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana-BA, 1938-1970). Tese (Doutorado), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

SOUZA, Diego Almeida de. Conflitos de fronteira: produção do espaço em Feira de Santana – do rural ao urbano na Mantiba. 2016. 218 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/CONFLITOS%20DE%20FRONTEIRA %20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/CONFLITOS%20DE%20FRONTEIRA %20(1).pdf). Acesso em 09 de abril de 2020.

¹³⁶ Costuma referir-se à sua casa como roça. (Mestre Cláudio, 2015)

¹³⁷ São mais próximos do repente, da temática rural, da viola, dos cantos de trabalho e religiosos do sertão.

LINKS

Livro Digital – Jaíba - <https://www.livrosdigitais.org.br/livro/17095UD65M8WUM?page=0>

Angoleiros - <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/27497/2/2-Corpo%20da%20Tese.pdf>

Caso Feira de Santana - 1995 (óvnis em Jaíba, na lagoa de Berreca) - <https://youtu.be/Ts4DJMIRha4>

VÍDEOS

CD Canal do Capoeira - Mestres Cláudio e Felipe Capoeira - Angoleiros do Sertão e do Recôncavo - <https://www.youtube.com/watch?v=13jNbYbkk54>

Mestre Cláudio - Curta metragem A Capoeira dos Angoleiros do Sertão, 2011. - <https://www.youtube.com/watch?v=7Cx3fF-nZv4>

Mestre Claudio (2015) - <https://www.youtube.com/watch?v=DQV4kYBR5qA>

Samba Rural no centro de Feira de Santana (2015) - <https://www.youtube.com/watch?v=0gf1t6WbFIM>

Cantoria Angoleiros do Sertão - <https://www.youtube.com/watch?v=HZX5m7HnArc>

Encontro de Angoleiros do Sertão – Feira de Santana (Mantiba):

- 2015: https://www.youtube.com/watch?v=5MqqzJvW_dE/
- 2016: <https://www.youtube.com/watch?v=xgyfloi6wQM/>
- 2017: <https://www.youtube.com/watch?v=JD3YTdRODXY/>
- 2018: <https://www.youtube.com/watch?v=bV0MgVhAsPA/>
- 2019: <https://www.youtube.com/watch?v=KRmLpWBKsE0>
- 2020: <https://www.youtube.com/watch?v=l983A8EKuHA>

DISTRITO DE JAGUARA

NORTE

SOBRE

Bom Despacho era o nome do distrito de Jaguará até o ano de 1943. A origem da palavra é Tupi "iauíara" e significa jaguar, onça. O maior distrito da cidade de Feira de Santana engloba em seu território alguns povoados, como o povoado de Barra, Sete Portas, Lagoa D'Água, Rio do Peixe (antigo Lagoa da Onça), Morrinhos, entre outros. As atividades da pesca (principalmente tilápia) e a retirada de areia da barragem são fontes importantes de renda do distrito.

Situado entre serras e os rios do Peixe e Jacuípe, muito de sua cultura gira em torno do universo do gado, da seca, do vaqueiro e do fazendeiro. Estes são elementos que conformam o imaginário e os traços culturais locais¹³⁸.

No século XVII, o vaqueiro conseguia sua moradia a partir do trabalho nas fazendas, muitas vezes em casa de chão de terra batida ou numa extensão da casa da fazenda¹³⁹. O cavalo nas vilas, engenhos e fazendas era indispensável. Para uns, um bem necessário, para outros, símbolo de distinção. Em um relato, Eurico Boaventura (1989, p.254) relata o cotidiano de um fazendeiro da localidade de Bom Despacho:

...com dois cavalos de fina habilidade, numa distância de quatro léguas apenas. Num cavalo vinha ele esquipando, rompendo a estrada. O outro, puxava-o um negro igualmente bem montado. Na fazenda Areias, trocava o fidalgo de montada, para a entusiasmada e entusiasmante e ágil entrada na rua. Duas léguas em cada animal¹⁴⁰.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

¹³⁸ LOPES, Robson C. S.; DAMASCENO, Karine; 2015.

¹³⁹ FREIRE, 2007.

¹⁴⁰ Boaventura, 1989.

A Festa do Vaqueiro

Há mais de trinta anos é realizada a Festa do Vaqueiro no distrito de Jaguará¹⁴¹. Uma das principais referências para o surgimento dos festejos neste distrito é o vaqueiro Zezé¹⁴². O vaqueiro conta que os demais vaqueiros do distrito tinham o desejo de se reunirem no próprio povoado de origem para festejarem. Muitos participavam de vaquejadas em outras localidades e o desejo de construir uma manifestação do próprio lugar em homenagem ao ofício dos vaqueiros animava os vaqueiros locais. Era comum a participação nas festas de Tanquinho, município vizinho, que já pertenceu à Feira de Santana. Em conversas sobre diferentes lugares que realizavam estas festas, houve a reclamação de que não havia ninguém no distrito que fizesse a festa. A partir desta provocação é Seu Zezé conta: *Levantei e disse que, mesmo pequena, iria realizar a festa*¹⁴³.

*Ah, minha 'fia', hoje mais não, dá muito trabalho. Eu que trouxe essa festa 'praca', trouxe uns menino da feira, montei umas barracas ai na rua mesmo. Eu dava comida aqui em casa mesmo ou ai no campo e ai celebrava a missa. A gente sempre 'ia' nas vaquejadas 'daqui' da região, ninguém nunca tinha tomado a frente pra fazer aqui. A gente sempre comparecia na festa que era realizada no município de Tanquinho. Foi quando alguém disse que em Jaguará não tinha homem para fazer uma festa. Levantei e disse que, mesmo pequena, iria realizar a festa. Ela aconteceu e segue até hoje. Juntei mais o compadre ali, ele deu um carneiro, eu dei umas galinhas e fizemos a primeira vaquejada daqui de Jaguará*¹⁴⁴.

A primeira festa aconteceu em meados dos anos 1980 e contava com a participação de vinte vaqueiros e costumava ocorrer em um terreno ao lado da Escola Estadual Dr. Colbert Martins. Atualmente, com o crescimento do número de participantes, a festa acontece na Praça da Igreja Nossa Senhora do Carmo bem como o espaço do estádio de futebol é utilizado nas comemorações.

Algumas expressões culturais comuns nestes festejos que acontecem em praticamente todos os distritos de Feira de Santana são heranças e adaptações do ofício de vaqueiro e também

¹⁴¹ Em 2019, aconteceu a 34ª edição.

¹⁴² José Ribeiro dos Santos.

¹⁴³ Entrevista em matéria jornalística sobre o festejo. Disponível em:

¹⁴⁴ Livro Digital produzido por alunas do Distrito de Jaguará (2015).

carregam os retratos desgastados das contradições sociais, políticas e econômicas da criação de gado nas culturas sertanejas.

Neste sentido, a festa do vaqueiro guarda relação com as atividades do vaqueiro, com as dinâmicas de trabalho e do cotidiano atualizadas em simulacros competitivos. A *corrida de argolas*, por exemplo, é uma manifestação que integra os festejos. Ela consiste na disputa entre vaqueiros que, ao mesmo tempo, cavalgam em linha reta e precisam capturar argolas que estão suspensas no final da corrida. Existem premiações para os vaqueiros que se destacam, que variam entre carneiros, galinhas, dinheiro e até um cavalo¹⁴⁵. A *missa do vaqueiro* e a *cavalgada* fazem parte do processo de recriação e memória dos cotidianos sertanejos que envolvem as religiosidades e os longos deslocamentos sobre cavalos no sertão.

A *missa* costuma ser assistida pelos vaqueiros montados nos seus cavalos em praça pública, que seguem em cavalgada com cantorias e bebidas. Entre as cantorias estão os aboios. O aboio do vaqueiro é um canto arrastado, em tom de lamento, de grande intensidade sonora e que tinha como função conduzir o gado e são um dos mais importantes *cantos de trabalho rural*. Seu Zezé é um dos aboiadores do distrito de Jaguará.

As festas do Vaqueiro nos distritos de Feira de Santana costumam ter shows musicais no final dos dias. A organização da festa é feita através de doações da comunidade e organizadores e também da prefeitura. Em Jaguará, a festa acontece no mês de setembro.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=429067&view=detalhes>. Acesso em 12 de abril de 2020.

A ponte pra memória do rio: A Ponte Rio Branco e a barragem de Jaguará.

O distrito de Jaguará, embora seja o mais seco, é o que possui mais rios. Está no semiárido, bioma caatinga, temperatura alta. Mas é banhado por três rios: Tocós, que nasce em Candeal, passa em Riachão e desagua no Jacuípe; o rio do Peixe, que nasce em Barrocas, passa em Serrinha, Candeal, Tanquinho. Todos eles confluem com o Jacuípe, em Jaguará¹⁴⁶.

Jaguará tem relação com os rios e com a seca¹⁴⁷. A *Ponte Rio Branco*, um dos cartões postais da cidade de Feira de Santana¹⁴⁸, localiza(va)-se no distrito. Além do aspecto simbólico, a ponte marcava as obras arquitetônicas do começo do século XX. A ponte já não existe como patrimônio material, somente alguns fragmentos de memória constituem presença simbólica, como a figura de 'Nôzinho da Ponte', que ficou conhecido desta forma por possuir uma bodega próxima à extinta Ponte Rio Branco sobre o Rio Jacuípe na beira da estrada velha de Jaguará¹⁴⁹.

Os feirenses também usavam a ponte como área de lazer, fazendo grandes piqueniques aos domingos, a princípio caminhando e depois em pequenos caminhões e posteriormente em marinetes. Além de uma feijoada que se levava pronta, não faltava uma boa vitrola para a matinê dançante. A parte da manhã era reservada para o banho, que tinha os lugares definidos de homens e mulheres. À tarde, após o descanso do almoço, dava-se início à tarde dançante que ia até às dezessete horas, quando se regressava para a cidade...¹⁵⁰

Com a desativação da ponte Rio Branco, na década de 1980, foi construída, pelo município, uma passagem paralela. *Para entrar no distrito é preciso passar por uma pequena ponte que cruza a barragem*¹⁵¹. A referida passagem atravessa a barragem e é também chamada de "passagem

¹⁴⁶ João Dias (Departamento de Educação Ambiental/ Semman), 2019. Disponível em <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Nove%20rios%20nascem%20ou%20banham%20Feira%20de%20Santana&id=18&link=secom/noticias.asp&idn=23585>. Acesso em 13 de abril de 2020.

¹⁴⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/videos/t/jornal-da-manha/v/moradores-do-distrito-de-jaguara-em-feira-de-santana-sofrem-com-a-estiagem-prolongada/7160061/>. Acesso em 12 de abril de 2020.

¹⁴⁸ A Ponte foi inaugurada em 18 de março de 1917. "Ponte de aço [...] sobre o rio Jacuhype. Possui vários tramos em treliça, sendo o central (que é maior), em treliça Warren, com banzo superior parabólico. A ponte foi importada da Europa durante a guerra com o início das obras ocorrido em 1912 e a inauguração em março de 1917. Foi construída por reivindicação dos criadores de gado de diversas localidades do interior da Bahia. Atualmente ela está quase destruída pela corrosão e falta de manutenção. (MERCEDES-BENZ DO BRASIL, 1992, p. 135, grifo nosso)."

¹⁴⁹ Disponível em: <https://blogdafeira.com.br/home/2016/12/27/nozinho-da-ponte-rio-branco-figura-popular-de-feira-de-santana/>. Acesso em 12 de abril de 2020.

¹⁵⁰ Escrito do jornalista Antônio do Lajedinho. Disponível em: <http://feiraantiga.blogspot.com/2010/03/ponte-rio-branco.html>. Acesso em 13 de abril de 2020.

¹⁵¹ Livro Digital produzido por alunas do Distrito de Jaguará (2015).

molhada” pelos moradores¹⁵². Esta passagem é muito importante para comunidades como Caroá, Sítio do Meio, Cascalheira, pois é o único acesso possível para a cidade¹⁵³. Os peixes pescados na barragem de Jaguará são uma fonte de renda, a água armazenada é utilizada para o abastecimento dos carros-pipa, para o consumo animal e para o uso doméstico, além de ser um lugar de lazer, quando é possível o banho¹⁵⁴. As pontes, os rios e as secas são elementos importantes para compreender os aspectos simbólicos e culturais do distrito de Jaguará de Feira de Santana¹⁵⁵.

Grupo Cultural Lagoa D’Água: entre brincadeiras e forró pé-de-serra.

O Grupo Cultural Lagoa D’Água¹⁵⁶ foi criado no dia 5 de abril de 2012 na tentativa de reunir mestres antigos da Comunidade da Lagoa D’Água no distrito de Jaguará, o mais distante do centro de Feira de Santana, e de valorizar o conhecimento destes artistas tocadores e cantadores do tradicional forró pé-de-serra.

O povoado Lagoa D’Água, também chamado de “Pinicaria”¹⁵⁷, está de fato aos pés da serra, a Serra Grande, e está inclusa nos antigos caminhos atravessados pelos boiadeiros no sertão para chegar às feiras de gado da região. As comunidades vizinhas são: Rio do Peixe, Serra Branca, Riacho do Ouro e Lagoa do Mocambo¹⁵⁸. Neste imaginário sertanejo é que as músicas e cantos se

¹⁵² Essa passagem ganhou a denominação de antiga estrada de Ipirá, e na contemporaneidade espacial feirense, localiza-se no tríplice limite distrital entre Governador João Durval Carneiro, Jaguará e Maria Quitéria. (SOUZA, 2016)

¹⁵³ Depoimento do morador Silvio Lima (Jaguará). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JzzfxWYIOfg>. Acesso em 10 de abril de 2020.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://www.jornalfolhadoestado.com/noticias/88422/barragem-de-jaguara,-em-feira,-esta-entre-as-que-serao-fiscalizadas>. Acesso em 13 de abril de 2020.

¹⁵⁵ SOUZA, 2016.

¹⁵⁶ Toda descrição do referido grupo está baseada no trabalho da autora Karina Damasceno e Robson Lopes. A importante pesquisa tanto apresenta os mestres da Comunidade da Lagoa D’Água, como problematiza a própria tentativa de “preservação” e a ideia de “cultura popular”.

¹⁵⁷ Assim chamado pois o trabalho de conserto de penicos e bacias era bastante comum no local.

¹⁵⁸ É possível que existam comunidades quilombolas em Jaguará às margens do Rio do Peixe, como a “Fazendinha” e a família dos Tobias. LOPES, Robson C. S.; DAMASCENO, Karine; 2015.

manifestam. O forró tem zabumba, triângulo, sanfona¹⁵⁹ e pandeiro e surge imerso nas rezas, nos aboios, nos cantos de Santos Reis¹⁶⁰, nos sambas rurais, nos cantos de trabalho.

Antes da formação do grupo, existiam manifestações culturais que ainda estavam vivas nas tradições da Lagoa D'Água: a reza de caruru de promessa a Cosme e Damião e o *ofício de finado*, que são rezas que acontecem ao 7º, 14º e 21º dia de morte de alguém da comunidade. Nesta última, as rezas não acompanhadas de instrumentos. No entanto, os forrós não aconteciam na comunidade.

Estes forrós eram conhecidos como *brincadeiras* e tinham uma dimensão espontânea e lúdica na comunidade e eram realizados nas casas dos moradores, compadres e mantinham os laços sociais e familiares. A tentativa de "resgate"¹⁶¹, não necessariamente das *brincadeiras*, surgiu com a proposta de criação do grupo cultural no ano de 2012 com os tocadores antigos da comunidade. O ponto comercial, ou *a venda* de um dos moradores se tornou o local de apresentação do grupo, conhecido como "*rodoviária de seu Luiz*", porque é o local onde as pessoas aguardam o ônibus para Feira de Santana (sede do município)¹⁶².

Alguns relatos de artistas do grupo sobre a relação com a música e com o aprendizado dos instrumentos constam no trabalho dos autores Robson Lopes e Karine Damasceno (2015):

- I. Começou de meu pai, Tonica (Antônio Ribeiro da Silva). Ele tinha uma sanfona pé-de-bode 4 baixos e tocava um pouco. Naquele tempo, os baixos eram como uma colher... Você apertava e as 'colher' suspendia para deixar sair o som. Ele levava pras festas, pras rezas. Ele gostava de cantar! Meu irmão Gilberto dava a sanfona dele pra eu ficar pegando. Passei a "brungunzar" nas festas. Cheguei a tocar com Luiz

¹⁵⁹ Harmônica: sanfona de 8 baixos, sem teclado, conhecida como pé-de-bode ou pé-duro.

¹⁶⁰ Levava um Rei na casa de fulano; chegava na porta de noite, soltava foguete. Puxava a sanfona, pandeiro, violão. Juntava aquele batalhão de gente... cantava o Reis. Depois rolava o samba e o forró. [...] A bata de milho – de noite, lua bonita, cantando roda, modinha; tomando café... A Bata de feijão era igual a 'Boi Roubado'20: era de dia; não havia máquina. Era Batedor e 'Beatadeira'21. [...] Raspa de mandioca era diferente de Cantoria. (Seu Pedro, lavrador e cantador conta sobre como acontecia a festa de Reis no povoado). LOPES, Robson C. S.; DAMASCENO, Karine; 2015.

¹⁶¹ O impulso inicial se deu por Robson Clei dos Santos Lopes, nascido na comunidade e estudante universitário, e João Evangelista de Lima, nascido no município vizinho Santa Bárbara. Ambos tinham nascido na *roça* não queriam "ver o forró pé-de-serra se acabar" com os últimos tocadores de sanfona pé-de-bode já idosos.

¹⁶² O grupo participou de algumas atividades externas à comunidade, como a XIII Caminhada do Folclore.

-
- Gonzaga (ele já era velho) num circo em Jaguara. Me casei em 1972. Larguei. Vendi a sanfona. 'As festa acabou'... Chegou a radiola... Acabou mesmo. (Seu Luiz)
- II. Eu era menino, tinha um irmão mais velho que tocava cavaquinho. Eu tinha muita vontade de aprender, mas meu irmão não dava. Aí eu peguei um pedaço de tábua, amarrei uns atil de badogue...Eu ouvia o cavaquinho dele; ia esticando a borracha até afinar o meu. Vez que eu pegava uma cabaça, um casco de cuia, botava seis cordas e fazia um violão. Fazia junto com minha irmã Nair (falecida). Ela também chegou a tocar violão. Fui indo, cheguei a tocar até em Trio Elétrico. Aqui na Pinicaria tinha um pretão, um negão de nome Manuel Pires muito bom de violão. (Seu Regis Antonio dos Santos)
- III. Meu pai era sanfoneiro e me levava pras festas. (Genecarlos de Oliveira Lima, o único componente mais jovem do Grupo Cultural Lagoa D'Água, que toca zabumba e triângulo)

Não há registros de que o grupo permaneça atuando na comunidade e em outras atividades em Feira de Santana. No entanto, a carência de registro de grupos e manifestações culturais em diferentes comunidades lançam o desafio de novos registros, mapeamento e movimentações no que se refere às diferentes expressões das culturas populares na cidade¹⁶³.

REFERÊNCIAS

- BOAVENTURA, Eurico Alves. Fidalgos e vaqueiros. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.
- FREIRE, Luiz Cleber Moraes. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850–1888. Salvador, BA, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11381/1/Dissertacao%20Luiz%20Freireseg.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2020.
- LOPES, Robson C. S.; DAMASCENO, Karine T. CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NO POVOADO DE LAGOA D'ÁGUA EM FEIRA DE SANTANA -BA: dos anos 50 aos dias de hoje. Revista Maiêutica, Indaial, v. 3, n. 1, p. 43-62, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228916901.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2020.
- MORAIS, Jaime Magalhães. Memórias de Tabaréus: trabalho e lazer nos tabuleiros de Feira de Santana – Bahia (1950 – 1990), 2016 [dissertação]. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Dissert-Jaime-Magalhaes-Morais.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2020.
- SILVA, Aldo José Moraes. NATUREZA SÃ, CIVILIDADE E COMÉRCIO EM FEIRA DE SANTANA Elementos para o Estudo da Construção de Identidade Social no Interior da Bahia (1833 - 1927). UFBA, 2000. Disponível em https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/8_natureza_sa_civilidade_e_comercio_em_feira_de_santana_ele

¹⁶³ A pesquisa de campo tornou-se inviável a partir de março de 2020 devido à pandemia do COVID-19.

mentos_para_o_estudo_da_construcao_de_identidade_social_no_interior_da_bahia_1833_a_1927.pdf. Acesso em 12 de abril de 2020.

SILVA, M. S.; SANTOS, A. M. A.; BARBOZA, I. O. Uma análise da importância econômica e cultural da vaquejada para o semiárido brasileiro e do dinamismo desse esporte: possíveis impactos de seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial do Brasil. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciência Econômica) - Universidade Federal de Alagoas.

SOUZA, Diego Almeida de. Conflitos de fronteira: produção do espaço em Feira de Santana – do rural ao urbano na Mantiba. 2016. 218 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

LINKS

Povoado de Morrinhos (Jaguara) - <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/artista-encanta-povoado-de-feira-de-santana-decorando-casas-com-paisagens/>

Livro Digital – Jaguara- <https://www.livrosdigitais.org.br/livro/21274RL91W4CKC?page=0>

Memórias sobre a Ponte Barão do Rio Branco – <http://feiraantiga.blogspot.com/2010/03/ponte-rio-branco.html>

VÍDEOS

A tradição dos vaqueiros e aboiadores desfila nas ruas do distrito de Jaguara (34ª edição em 2019) - <https://www.youtube.com/watch?v=M85AmIhPkto>

Festa do Vaqueiro (2015) -<https://www.youtube.com/watch?v=vsxIeKS3niA>

Barragem de Jaguara - <https://www.youtube.com/watch?v=TvCWxZcFhZs>





PATROCÍNIO

Belgo Bekaert Arames



REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

